

CARLOS GUILLERMO ROJAS NIÑO <sup>214</sup>

**PRESSUPOSTOS PARA O ESTUDO DA  
CRIATIVIDADE E DA CRITICIDADE COMUNS**

Este exemplar corresponde à redação

final da Dissertação defendida por:

*Carlos G. Rojas Niño*

e aprovada pela Comissão Julgadora

em 18 de outubro de 1993

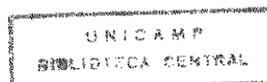
Data: 18 de outubro de 1993

Assinatura: *[Assinatura]*

UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1993



Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO na Área de Concentração: *Filosofia e História da Educação* à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Augusto João Crema, Novaski. *109*

Comissão Julgadora:

*[Handwritten signature]*  
-----  
*[Handwritten signature]*  
-----  
*[Handwritten signature]*  
-----

## ÍNDICE

ÍNDICE .....	04
PREFÁCIO .....	06
APRESENTAÇÃO .....	12
I HERMENÊUTICA, FENOMENOLOGIA E CRIATIVIDADE .....	14
II CRÍTICA .....	34
2.1 Níveis da Crítica e Imaginação .....	35
2.2 Crítica e Cotidiano .....	59
2.3 Crítica-Crítica, Objetividade Possível .....	91
III CULTURA E CRIATIVIDADE .....	102
CONCLUSÃO .....	121
BIBLIOGRAFIA .....	124

## PREFACIO

O presente trabalho é, antes de tudo, produto de um interesse que já dura anos, pelos processos da criatividade, sentidos e pressentidos como pintor e escultor em ação, como nas experiências vividas com muitas pessoas anônimas, com as quais de uma maneira empírica e com os mais variados objetivos ou aplicações se deu a abertura crítica ao mundo, que usualmente chamamos de criatividade.

Não pretendo preencher o vazio de uma metodologia para o desenvolvimento da criatividade. Seria ilusão, já que tal tarefa além de ser muito difícil, requer o trabalho interdisciplinar de filósofos, educadores, psicólogos e técnicos da cibernética e da informática. Requer uma discussão prévia sobre a metodologia mesma, enquanto se acredita que partindo da definição da palavra método, esta possibilidade quanto à criatividade e à criticidade seria incoerente se tomarmos o método em sua acepção tradicional, que vê no método e na metodologia uma camisa de força, em contra posição à criatividade vista unicamente como expressão da liberdade.

É um paradoxo do século XX que, apesar de todo conhecimento de que desfrutamos, de toda a tecnologia, a informática, os satélites, a rapidez, a velocidade, etc., serem produto da criatividade, esta mesma criatividade está sendo inibida, em função da abertura cada dia mais estreita, enquanto que todo o

aparato sensorial humano se retrai, se atrofia gradativamente, como sub produto de um processo milenar de otimização frente aos avanços técnicos e às novas maneiras de viver.

Nas cidades de hoje o ser humano vai pouco a pouco perdendo a capacidade de reagir a novas situações, por inibição dos sentidos atrofiados pela falta de uso.

O olfato por exemplo, é dos mais prejudicados, devido quicá ao "smog", aos maus odores de fábricas, à profusão de perfumes cada vez menos discretos por necessidade; a capacidade gustativa, desenvolvendo-se em função da rapidez, é tida como um estorvo na hora em que a prioridade é engulir algo rapidamente, um "hot-dog", e correr. A audição também vai em franco retrocesso, que o diga quem costuma ir a "discotecas", lugares aonde a "música", para ser sentida, deve estar no maior volume possível, sem nenhuma diferença das estridências diárias de carros, máquinas, aparatos de comunicação e de reprodução sonora.

A visão também se atrofia frente à profusão de apelos consumistas, graças à desordem, ao mau gosto e todo tipo de aberrantes contrastes de cor, luz e forma, determinantes da paisagem urbana onde o meio termo não existe.

Esta desordem, produto da revolução industrial, não só se manifesta a nível do visual, senão também no nível da vivência toda do ser humano, sendo a desarmonia com o meio apenas um dos fatores mais preocupantes deste fim de século, cujo produto, o lixo, é recentemente usado na indústria e até em obras de arte,

que assim nos indicam os rumos por onde deverá caminhar a criatividade no futuro.

Por outro lado o mundo no qual cada um de nós tenta atuar, já é "mediado" pela *mass-media*; é um mundo voltado para o consumo, em mutação, mas não pela nossa ação, mas sim pela vontade dos programadores, que no-lo apresentam em módulos e estereótipos.

Nosso interagir com o mundo é cada dia menor. Sofremos uma alienação da qual Marx mostra uma parte em "O Capital"; a frustração humana radica em essência na impossibilidade de dar sentido, dar significado, de mediar o mundo.

Dai que na luta pela liberdade, neste jogo de abre e fecha, a educação tenha um papel preponderante. Uma educação em que a criatividade e a criticidade sejam os legítimos parâmetros.

Uma criatividade que atinja os planejamentos filosófico-educativos caducos, uma criatividade que parte dos professores para os alunos e uma criatividade a desenvolver nos alunos. Como é lógico supor, isto não se consegue exigindo que o professor seja criativo *per se* e gere esta dinâmica da criatividade, *motu proprio*. É necessário instrumentar o professor, capacitá-lo para esta urgente tarefa, desenvolvendo metodologicamente sua criatividade, para que faça o mesmo com seus alunos.

Na literatura existente sobre o tema, encontramos esforços em desvendar o fenômeno da criatividade, em especial na área da psicologia. Estes trabalhos estudam o "quê" da criatividade, ten

tando alguns medir ou testar seus níveis. Outros vão em busca das características do ser criativo, ou fazem um estudo das personalidades geniais ou criativas ou, como Freud, dedicam sua atenção ao estudo psicanalítico de alguns dos grandes gênios da humanidade. Quanto ao processo da criatividade, são poucos os psicólogos que tentaram trabalhá-lo, porque a maior parte deles, das diferentes correntes, dedicou seus esforços aos aspectos mensuráveis das experiências, deixando de lado outros, tais como a intuição, a inspiração, e a percepção mesma do mundo, em que a subjetividade é determinante.

São escassos os trabalhos em que se escruta a criatividade como atributo do povo, já que na grande maioria fazem girar as expectativas de suas investigações em relação ao produto da criatividade e seu desempenho social, e não ao processo de seu desenvolvimento. Existem trabalhos que analisam o problema da criatividade do ângulo da produção científica, alguns como o livro de A. Moles "La creacion científica", onde se estuda o processo da criação na ciência e na arte, fazendo aportes certos ao objeto deste trabalho.

Obras há que formulam receitas ou jogos para desenvolver a criatividade mas que não a enfocam como um todo, param na simples formulação de alguns exercícios, que momentaneamente a incitam, em função de um produto imediato. Exceção marcante são os trabalhos de L.S. Vigotsky e A.R. Luria, psicólogos russos de orientação marxista, que dão ênfase em seus estudos, à interação so

cial nos processos de formação da mente, à relação homem-sociedade, a partir dos quais se poderia construir um caminho, na busca de um método para o desenvolvimento da criatividade.

Estas rápidas pinceladas sobre a investigação da criatividade pela psicologia, nos explica sua projeção na educação. Há um preconceito muito difundido quando se fala de criatividade, que começou com Platão em "A República". É sobre o tratamento que se deve dar à arte, aos artistas, e na educação dos filhos, afastando-os dos labores manuais próprios dos escravos, com vistas à formação de "bons cidadãos".

No caso do Brasil devemos acrescentar que, "por ter tido escravos até há pouco, e por ter sido relegado a eles todo tipo de trabalhos manuais, inclusive os artísticos, estes adquiriram conotação pejorativa ou inferior. Isto, é lógico, repercutiu nos planejamentos educacionais e em especial na área de ensino das artes, seja nas escolas de arte, seja nos colégios, e muito mais nestes, onde se está formando a classe social média-alta." (Ana Mae T.B. Barbosa, Arte e Educação no Brasil).

Quanto à filosofia e sua relação com a criatividade, pode-se dizer com propriedade que além da criatividade haver sido não só companheira do fazer filosófico, foi, mais ainda, fator prioritário de seu desenvolvimento. A filosofia não superou a psicologia na análise da criatividade, já que também seu trabalho se centrou no produto da criatividade nas obras de arte e em seus efeitos sobre o espectador, os efeitos do belo, das causalidades

do belo, a definição do belo e, em suma, a importância da beleza, - de tudo o qual se ocuparia a "estética", e cujas formulações cada tendência filosófica se preocupou em construir -.

A fenomenologia filosófica da percepção com seu método, parece ser uma boa via que nos permite chegar a uma aproximação do fenômeno da criatividade onde não se priorize a beleza, por isso participamos do mesmo ponto de vista, chamando a atenção para a importância do desenvolvimento perceptual, na perspectiva de uma evolução da capacidade crítica e criativa comuns.

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho consta de tres capítulos intitutados:

I Hermenêutica, Fenomenologia e Criatividade, II Critica e III Cultura e Criatividade. No primeiro capítulo pretendemos demonstrar que a criatividade tem seu próprio lugar no corpo filosófico e mais ainda, que sua importância radica em ser anterior e geradora de categorias filosóficas próprias da hermenêutica, da fenomenologia da percepção, fora da conceitualização estética.

Nos sub-capítulos sobre a crítica que se seguem, intitulados: 2.1 Níveis da Crítica e Imaginação, 2.2 Crítica e Cotidiano e 2.3 Crítica Crítica Objetividade Possível, tentaremos buscar subsídios da hermenêutica e da epistemologia como tais, para uma conceituação possível da atitude criativa e da atitude crítica inerente à essência humana.

O objetivo último destes três capítulos é mostrar a relação entre criatividade e crítica, partindo da análise da natureza da crítica como tal, e tentando estabelecer a partir dos pressupostos da "Epistemologia Genética", (Piaget, Vigotsky e Luria), um contraste com o enfoque Kantiano expresso na Crítica à Razão Pura, tendo como princípio básico a equivalência entre a atitude racional e a atitude crítica (Popper).

A importância desta quase contrastação reside em seus efeitos práticos, especialmente na área educacional, porquanto se esta procura o desenvolvimento integral das pessoas, deve tender

necessariamente e por natureza própria, ao desenvolvimento de uma criatividade e criticidade comuns, necessárias para o desenvolvimento harmônico da relação entre os indivíduos como tais, entre as sociedades, destas entre si, e com o meio natural que as sustenta.

No terceiro capítulo, Cultura e Criatividade, pretendemos situar o problema da criatividade na relação do indivíduo com a sociedade, dando a importância que merecem, tanto a sociedade como o indivíduo, na realização do projeto humano.

I

HERMENÊUTICA

FENOMENOLOGIA E CRIATIVIDADE

## HERMENÊUTICA, FENOMENOLOGIA E CRIATIVIDADE

A hermenêutica e a fenomenologia têm muitos pontos de contato. Dir-se-ia que em boa parte se sobrepõem ou exercem uma ação paralela com respeito à sua objetivação sobre o mundo, e por conseguinte sobre o homem. Poderíamos dizer o mesmo sobre a criatividade em relação à hermenêutica e à fenomenologia, distinguindo o específico dela em sua objetivação e transformação do mundo e do homem.

Assim, a criatividade como construção do homem e do mundo é uma hermenêutica primeira, sobre a qual se sustenta geneticamente qualquer enfoque fenomenológico da percepção e ainda da epistemologia como tal. Isto quer dizer, que antes de tudo está a gratuidade da criatividade e do criado, antes mesmo da percepção e da racionalização e da palavra; é a origem e forma desta abertura que é o homem frente ao mundo.

Pela consciência desta gratuidade o homem participa da gratuidade do universo, da gratuidade de sua existência e a compreensão desta gratuidade é a tarefa última do ser humano.

A convergência de uma hermenêutica filosófica com os princípios da criatividade, numa ontologia heideggeriana, é o fato mais significativo que pretendemos abordar.

É interessante fazer um histórico do processo da hermenêutica desde sua origem, ainda que de forma resumida, e seu trânsito até a hermenêutica filosófica, até sua posterior evo

lução para hermenêuticas particulares, dividindo espaços com epistemologias também particulares, próprias das ciências.

A hermenêutica como fato filosófico é recente, pois se acompanhou de forma tácita o fazer filosófico desde seus primórdios, só veio a ser sistematizada como uma disciplina dentro da filosofia a partir da obra de Schleiermacher e Dilthey ao final do século XIX.

A hermenêutica não filosófica remonta aos anos dos escribas judeus e sua história é, em boa parte, a história do mundo ocidental. A partir daí, muitos dos fatos com significado histórico que se dão até a idade média, giram em torno da interpretação da Palavra de Deus expressa no Antigo e no Novo Testamento. Nos séculos subsequentes, outros fatores, além do religioso, foram historicamente predominantes e seus principais autores foram Santo Agostinho, São Tomas, Lutero, Calvino, Huss.

Ao final da Idade Média surge Nicolau de Maquiavel, como personagem chave no desenvolvimento da hermenêutica, já que com suas críticas à Igreja, à religião, aos atos religiosos e ao Papa, abre caminho para a afirmação de outras correntes que irão trazer sua contribuição à interpretação das Sagradas Escrituras.

Com esse espírito de crítica às tradicionais doutrinas de interpretação da Bíblia, e de uma fé até então não sentida na capacidade e poder do ser humano, se dá o descobrimento da América no século XV. São os anos do chamado Renascimento. A partir daí há uma reação do poder eclesiástico que se sustenta no obscu

rantismo e no poder omnímoto dos mecanismos da inquisição e que como resultado leva a um retrocesso, uma parada nos avanços científicos da humanidade.

Durante o século XVII a hermenêutica teve um desenvolvimento acelerado. Descartes, com o predomínio da razão e a dúvida sobre o método, abre espaço a novas possibilidades para a fé, desta vez fundamentada na razão humana e não mais na revelação. Mais ainda, baseada e comprometida com um ser superior, que em últimas instâncias explicaria e seria a causa última do constructo cartesiano.

Um marco importante na história da hermenêutica propriamente bíblica é a obra de David Friederich Strauss, "Vida de Jesus", em que o autor defende a tese de que Cristo é um mito que deve ser cientificamente superado. Desse modo, Strauss dá origem ao método histórico-crítico dentro da hermenêutica bíblica.

Outro personagem importante é Adolf Von Harnack que propõe uma negativa rotunda à possibilidade dos milagres da revelação (1930). Outros autores significativos para a disciplina da moderna hermenêutica bíblica são Martin Kahler, Karl Barth (1912), Rudolf Bultman (1952), Ebeling e Ernest Fuchs (1960), Enrique Ott (1955) e o mais importante de todos quicé, o filósofo Martin Heidegger, que define: "O homem é como uma projecção ou clareira do ser, lugar da verdade do ser e a linguagem é a voz do ser".<sup>1</sup> Sem

---

<sup>1</sup> Coreth Emerich - Questões Fundamentais de hermenêutica, Editora da Universidade de São Paulo, 1973, p.14

tentar definir se o ser a que se refere o filósofo, é ou não, o ser com causa própria, ou seja Deus. Isto quanto à hermenêutica bíblica propriamente dita.

Já com respeito à hermenêutica como disciplina da filosofia, sua história começa com o teólogo Friederich Schleiermacher, (1801) que coloca a compreensão da bíblia no contexto mais amplo da interpretação histórico-literária no sentido estrito. Segue com Gadamer (1868), Ranke e Droysen para quem o problema da compreensão é novamente colocado em sentido prioritário já que a reflexão se aplica em particular aos métodos próprios das ciências históricas. Dilthey (1883-1910) enfatizou de novo o aspecto da compreensão: "Na compreensão partimos da conexão do todo que nos é dado vivo (natureza), para por meio dele tornar apreensível para nós o individual (espiritual)".<sup>1</sup>

Noutras palavras fundamenta na compreensão o aspecto de dependência mútua do indivíduo pelo todo e do todo pelo indivíduo, deste modo fez girar o problema da compreensão em torno do planejamento de uma psicologia projetada dentro de outra, em se tratando da compreensão de um texto de um autor específico, pelo que em sua época sua teoria foi rotulada de psicologista.

---

<sup>1</sup>Obra citada, referindo-se a: Dilthey, W. - Ideen Über eine Beschreibende und Zergliederende Psychologie, Berlin 1894, p.1314.

Heinrich Rickert se opôs a Dilthey rechaçando a distinção de ciências da natureza e ciências do espírito. Fala de história e culturas históricas, assim a natureza se explica por meio de leis e as culturas históricas tão só podem ser compreendidas por seus valores, já que o conceito de compreensão se opõe sistematicamente ao conceito de esclarecimento.

Martin Heidegger ("Ser e Tempo" 1927) tenta demonstrar-nos que a compreensão do homem, prioritária, é a compreensão "no si e no ser": esse é o horizonte único e último da compreensão que expressa na linguagem a partir do ser.

Heidegger, discípulo de Husserl, metodologicamente parte de uma fenomenologia filosófica em que se prioriza o "como" e não o "que". Este enfoque husserliano marcará várias das principais correntes filosóficas modernas, em particular as vertentes existencialistas e ainda algumas das teorias dos filósofos contemporâneos. Basicamente consiste num modo original de ver o mundo ou de sentir os fenômenos que o compõem e que parte das coisas mesmas. Tal método se configura a partir de uma intencionalidade, que é em última instância a consciência voltada para as coisas tal como são dadas, suspendendo todas as experiências e conhecimentos anteriores, para chegar às coisas mesmas de um modo alheio ao senso comum, pondo metodologicamente o mundo natural entre parênteses. Os fenômenos que chegam deste jeito originário à consciência, o fazem através da pureza de sua essência.

A consciência assim concebida é como uma abertura em função do fora. Assim o prioritário não é a compreensão hermenêutica de um discurso ou de outro homem, senão que se trata de uma compreensão "anterior", que é o próprio "ser da existência", que não tenta explicar nem compreender os modos típicos do conhecimento científico.

Heidegger chega a uma hermenêutica da existência e se defronta com uma ontologia similar à ontologia socrática, que também Tomás de Aquino retomou em função de uma filosofia cristã, pelo que Heidegger é chamado de o último filósofo ontológico.

Para Heidegger, "o ser da existência" já não é o outro, nem é a explicação por meio da experiência psicológica, nem as proposições científicas, nem tampouco do sentido comum. "O ser da existência" corresponde ao "ser aí" e a compreensão do "ser aí" está antes de qualquer intenção de compreender o mundo. Deste modo, a fenomenologia de Heidegger se converte numa hermenêutica, já que o fundamento de seu constructo filosófico é a compreensão do "ser aí". A essência hermenêutica da existência é para Heidegger a compreensão do homem em si e do ser. "Entendido assim, o projeto do mundo do *ser aí* que anteprojeta seu *poder ser* ou seja suas possibilidades de ser como totalidade de sentido da própria auto-realização e como horizonte da própria autocompreensão", é o horizonte no qual o ser humano desenvolve a essência de sua existência.

Mesmo não tendo Heidegger mencionado a criatividade, sua ontologia chega de fato a esta possibilidade, pois que é o "anteprojetar ou poder ser", senão a gratuidade da percepção, anterior à percepção mesma, e de fato a racionalização, isto é, a intuição? Não é a intuição - como categoria da criatividade - o equivalente à potência do ser na linguagem heideggeriana?

Não foi a intuição que lhe permitiu encontrar-se com a possibilidade de criar uma ontologia do ser aí e do ser?

Pois bem, se deste modo proposto por Heidegger, nos acercamos do fenômeno da criatividade, ou seja, do fenômeno da criação por parte do homem, achamos numa primeira aproximação que esta conceituação é paralela a uma outra, filosófica, sobre o ato da criatividade e sobre o processo de seu desenvolvimento.

Vejamos. A criatividade acompanhou todo o agir do homem frente ao mundo, incluído seu filosofar sobre o mundo e sobre si próprio, quer dizer, acompanhou seu refletir desde antes mesmo da apropriação de sua consciência sobre seu ser e o ser do mundo.

Em seus começos, é certo, a criatividade possivelmente foi determinada pela própria motricidade ainda não refinada, talvez por isso pouco coerente. Com o desenvolvimento cerebral que a própria atividade criativa ativou, logo mudaria, no sentido de que a motricidade refinada daí em diante estaria subordinada à capacidade recém adquirida de trabalhar em função de um abstrair e de um simbolizar, que por sua vez ampliariam as capacidades anteriores e muitas outras.

A praxis conduz o homem à consciência de seu corpo primeiramente e através dela, à necessidade da transcendência e pré-ciência do espírito.

Assim, quando o homem começou a transformar o mundo, a mediá-lo, esse mesmo processo o foi transformando por sua vez na mesma medida. O homem iniciou um processo de autocompreensão e de compreensão do mundo com que se confrontava, processo que depois de iniciado jamais pararia de crescer.

Desta maneira, passou a distinguir-se de todos os outros animais incluídos seus parentes mais próximos, os primatas, para converter-se num expectador de si próprio, perplexo frente ao mundo, insatisfeito, iniciando um caminho sem retorno e sem fim, o caminho para a felicidade, utopia atrás da qual, e até nossos dias, vai a humanidade. O animal, ao obedecer seus instintos, a natureza, está equilibrado consigo mesmo e com o meio. A essência de seu ser está no estar aí, que assegura sua existência, que implica um equilíbrio logrado com a persistência do seu existir. Nossa condição humana é o desequilíbrio, que origina uma estabilidade ideal que o homem procura desde que nasce e que talvez só encontre na morte.

Esta busca é a razão da existência mesma do "paraíso prometido", no mais para lá, lugar onde recobramos a inocência perdida, o equilíbrio angelical das bestas, que uma vez tivemos e que graças às "artimanhas da serpente e da mulher engolimos com a maçã".

No mito cristão está bem clara a ânsia milenar por achar um lugar, o nosso lugar dentro do todo, lugar harmônico e de estabilidade eterna. Nesta busca está expresso em sua totalidade o ser humano.

Dai que a verdadeira realização do indivíduo se dê na participação que a sociedade lhe oferece dentro dessa possibilidade pessoal de buscas e encontros, frente à continua re-ordenação do mundo em procura da felicidade. Esta busca está inscrita e subordinada a um mundo muitas vezes mediado e previamente ordenado pela sociedade através da ideologia e da cultura. Nesse sentido a busca não é livre, mas pode sê-lo como exercício da criatividade e da capacidade crítica inerente, e tende de algum modo subverter a ordem cultural existente. Esta tendência libertária, seria prioritária numa ecologia humana, já que assegura o avanço da cultura, da sociedade, e do indivíduo, dirigida a novas possibilidades, na procura da felicidade e de melhores horizontes para a espécie toda.

No início, dizíamos que a criatividade acompanhou o transcurso do fazer filosófico. Esta hipótese parece não necessitar de prova ou demonstração, já que toda proposta filosófica é uma ordenação dada de um mundo dado. Mais ainda, tenta ser uma reordenação do mundo, que como produto humano está em função da percepção desse mesmo mundo e da função crítica, expressas no constructo filosófico através da linguagem. Todo este processo não é nem mais nem menos, que o processo criativo em relação ao filósofo

fico.

Extendendo esta hipótese à atividade humana em geral, podemos dizer com propriedade, que a criatividade permeia toda a atividade humana, porque o homem só atua em função de um mundo percebido. Mundo dado sim, mas que de uma maneira ou de outra, vai se transformar também de acordo com sua criatividade, já que só com o fato primário de percebê-lo, o homem já está implicitamente criando, ou está ordenando à sua própria maneira, a partir de seus próprios recursos culturais, dentro de um horizonte dado.

Dai Dilthey faz girar seus princípios hermenêuticos na compreensão de um horizonte individual, "...pretendendo fazer uma crítica à hermenêutica bíblica em seu aspecto do conhecimento histórico de um ângulo epistemológico, nos levará a problemas mais transcendentes, como a relação entre a força e o sentido ou seja entre a vida portadora de significações e o espírito capaz de encodá-las em uma sequência coerente".<sup>3</sup>

Do ponto de vista da hermenêutica de Heidegger, poderíamos dizer que o ser humano faz uma leitura, uma decodificação do mundo dado e também de seu próprio "ser aí", com a intenção de compreendê-lo. "O ser humano no mundo, seria visto assim como um labor de interpretação dentro de um contexto dado, do mundo e do próprio ser". A compreensão, esse é em essência o trabalho da

---

<sup>3</sup> Ricoeur, Paul - O Conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1969, p.9

criatividade, a leitura do mundo, do mesmo modo que fazer uma leitura crítica e autocrítica como parte integrante do "ser aí".

O agir permite ao homem chegar à noção de "ser", do ser metafísico que explicaria de vez seu próprio ser e o ser do mundo, chegando assim a uma ontologia apropriada.

Voltando atrás e retomando as palavras de Heidegger: "assim o mundo é entendido como projeto do mundo do *ser aí*, que anteprojeta seu *poder ser* ou seja, suas possibilidades de ser como totalidade de sentido da própria auto-realização e como horizonte da própria auto-compreensão." Vemos que a potencialidade do mundo, ou seja, suas possibilidades de ser como totalidade de sentido, repousam no ser humano, o único ser capaz de dar sentido e impossibilitado de não dar. Esse dar sentido, em última instância, não é outra coisa que a realização do ser criador de sentidos, auto-realização como ser humano, dada dentro do poder ser dentro da potencialidade do mundo, de ser, para uma totalidade de sentido e dentro do marco de sentido já existente na estrutura do mundo dado, ou seja, dentro de um horizonte dado.

É assim que a realização do ser se dá na prévia compreensão do mundo e na projecção criativa de sentido, dentro das potencialidades do mundo sentido, mas restrita a um horizonte dado, de sentido.

---

\* Coreth Emerich - Questões Fundamentais de hermenêutica, Editora da Universidade de São Paulo, 1973, p.24.

No caso da criatividade, não podemos reduzir esse dar sentido, aos limites do conhecimento de domínio ou saber de domínio, que é o saber das ciências positivas, nem dentro do marco do saber alcançado pelas ciências filosóficas ou pela metafísica. É um saber que se encontra por fora dessas possibilidades e que, de um certo modo, genéticamente as compreende.

Esse dar sentido, na criatividade, parte de um labor de abstração do essencial, dentro de um processo similar ao proposto pela fenomenologia de Husserl, para logo reverter essa essência a uma forma nova, dentro de um horizonte apropriado e previamente criticado, e que também em senso estrito, por estar cheio de gratuidade, o ato criativo participa da transcendentalidade que marca o avanço histórico do homem, porque se existe o momento em que o ser humano participa do mistério da transcendência, este momento é o momento da criatividade; neste momento somos partícipes não só da criação de nosso mundo, como também arquitetos do seu futuro.

Assim, como num contexto cristão a graça divina permeia a gratuidade da vida humana e a existência da natureza, também o ato criativo humano nos tira dos limites da imanência, e nos eleva à condição da transcendentalidade e da graça, ao nível do misterioso, e do nada, nos leva não à angústia existencial, mas ao existencial vital de nossa única e pessoal projecção amorosa pela espécie, dada através do ato criativo.

No dizer de Leonardo Boff:

"se o homem vive sua historicidade radicalmente, assume sua abertura para o mundo e para o outro, se compromete num processo de libertação, começa a aparecer aquilo que ele realmente é: alguém dentro de uma situação, limitado, encurralado nela, um ser que está aí junto aos outros, podendo manipular - quando lhe é permitido - seu mundo e o complexo de suas relações. Quer dizer, experimenta aquilo que é o sentido da imanência; de outro lado, dentro desta limitação situacional, mostra-se alguém que pode se erguer infinitamente desta situação, seja acolhendo-a, seja rechaçando-a, seja protestando contra ela, aberto pra um futuro ainda não experimentado e definido; em outras palavras, experimenta o sentido original da transcendência." <sup>1</sup>

Esta transcendentalidade do ato criativo é, e às vezes não, alheia à utilização posterior que se faça dos produtos do mesmo ato criativo e da criatividade, vale dizer: poemas, leis físicas, tragédias, teoremas, esculturas, peças musicais, constructos filosóficos, pinturas, desenhos, peças de cerâmica, murais, obras de teatro ou de dança, estruturas teóricas de qualquer teor, seja sociológico, psicológico, antropológico, etc. Quando é gratuita, pertence ao ato criativo, mas no momento de sua utilização posterior o produto vai de encontro com os anelos de felicidade da espécie humana, deixa de ser gratuita a passa a ser uma transcendentalidade pela desgraça.

Exemplos temos de sobra; dir-se-ia que vão desde a invenção do papel, da pólvora, da roda, até a invenção do contrato de trabalho no capitalismo, e às teorias da relatividade e nos cons

---

<sup>1</sup> Boff, Leonardo, A Graça Libertadora no Mundo, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1976, p. 50.

tructos sobre a energia dos átomos, passando por muitos resultados da criatividade, cuja aplicação posterior só acarretou dor e morte. A chamada civilização ocidental com sua carga tecnológica é um destes exemplos, onde os produtos da criatividade são usados para desmerecer pensada ou impensadamente, a qualidade do ser humano.

É bom notar aqui que a "diferença" entre a criatividade artística e a criatividade científica, está na utilização de suas realizações, uma vez que a criatividade é uma só por ser gerada num cérebro que é o mesmo para todas as situações. Assim, se de fato tivéssemos que falar de uma criatividade específica, teríamos que falar de uma criatividade comum a todos os seres humanos, produto do seu desenvolvimento, e que está esperando a sua estruturação por uma filosofia da criatividade, que por sua vez dê orientação prática frente aos desafios atuais, às angústias existenciais produzidas pelo rapto do mundo e das impossibilidades de projeção pessoal e social viabilizadas pela entelúquia da chamada cultura universal.

Todas as escalas da criatividade trabalham com estes pressupostos, desde as propostas do mamulengo ou do palhaço, até as propostas do pintor, do escultor ou do cientista. Todos os tipos de criatividade, desde os que têm como objeto o fenômeno dentro de sua contingência imediata, (ciências naturais, naturalismo, realismo), até às propostas mais atuais da chamada arte abstrata, pop, op, e de outras possibilidades nas quais prima ou é tido

como objetivo, o domínio de uma técnica. Neste último caso, existe uma reordenação, onde está implícito o afastamento entre o sujeito que cria a realidade, e o objeto produzido ou recriado. Triângulo centrado na capacidade crítica, em função, no último caso, de uma técnica aplicada.

Fazendo caso omissivo do modo como o objeto recriado se apresenta à nossa percepção, devemos levar em conta que é só a partir da percepção dos fenômenos, que podemos pensar, conceituar e por último criar, e que estes conceitos estão implícitos no abstrair em certa medida, isto é, fazer por um lado as contingências do fenômeno e ir à sua essência. O que nos permite como mediadores, a mediação com o mundo.

De acordo como o ser criativo maneja as essências das coisas que são motivo de sua criação, se dará um objeto mais ou menos transcendente ou significativo para uma determinada cultura num determinado tempo. A arte, por exemplo, vai às essências das coisas e das situações, para logo fazer um manejo crítico na sua expressão. Adequado com o conteúdo, a matéria, a forma, a destreza ou habilidade técnica, para dar como resultado um produto válido para sempre e para todos os homens, alheio a circunstâncias históricas ou contingentes.

É preciso reiterar, com respeito à função crítica inerente à criatividade, que esta surge da tendência do homem em integrar-se a uma totalidade ou "unidade de totalidade", (Heidegger), sem a qual a criatividade seria um atuar louco e sem

limites próprios. Desconectado da realidade em sua projecção para esta, desajustado, já que o papel da crítica no processo interno da criatividade é precisamente o de ajustar meios, formas, momentos, modos, técnicas e linguagens em função das possibilidades abertas para uma crítica do mundo dado à criatividade mesma.

Esta função crítica tem sua gênese, como atrás se falou, na necessidade humana de integrar e integrar-se a um todo, e se manifesta originariamente na linguagem e em sua função simbolizante, onde, mais importante que o fim ou o objetivo, é, a beleza no caso da arte, o útil no caso da ciência, o verdadeiro no caso da filosofia, é o mundo lúdico do imaginado.

Tudo no homem tem a seriedade do jogo; parodiando Calderón de la Barca, podemos dizer, que a vida é jogo e os jogos jogos são, a seriedade é parte da brincadeira e só assim o é.

Sem a imaginação, a crítica seria uma ação limitada em extremo, e quem sabe, só válida para os princípios lógicos da filosofia da linguagem, onde, além do mais, seria desnecessária, já que pela natureza destes constructos, seu devir implica seu próprio mecanismo "crítico", se assim se pode chamar.

A função crítica está a meio caminho entre a imaginação e o mundo dado, ou realidade, precisando de ambos. Esta função crítica no caso da criatividade, se dá em função do mundo essencial.

Assim, para a mente criativa o mundo é o mundo das essências, que surge das experiências vividas, negligenciadas de

sua quantificação. Do mesmo modo que na proposta fenomenológica, na criatividade também podemos chegar ao conhecimento dos fenômenos intracerebrais, pelo caminho das essências, pelo fato que a realidade como tal, é posta num segundo plano.

Esse sujeito "voltado" para o mundo, para o mundo vivido, (Merleau Ponty), não é outro que o ser criativo, que em essência todo homem é, mas ousariamos dizer, que é o artista quem fez da criatividade sua profissão e do mundo das essências seu horizonte.

Resumindo, vemos que a hermenêutica filosófica pretendia exercer um labor de compreensão do mundo, lendo-o como um texto, de fora, e chegou inelutavelmente através de Heidegger à razão última de uma filosofia existencial, o "ser aí", que como existencial olha o homem por dentro. Do mesmo modo a criatividade exerce seu labor crítico e de interrogação do mundo, por dentro do intracerebral. Daí, para realizar a aproximação pretendida ao fenômeno da criatividade, temos que pedir suporte à psicologia, concretamente a uma psicologia dos processos mentais. Processos da criatividade e sua relação genética com o social já que é a sociedade com seus mecanismos ideológicos e culturais que oferece ou deixa de oferecer possibilidades ao homem, para a projeção de seu modo individual de ser através de seu aporte pessoal, sua criatividade.

E se é certo que a maior graça que pode ter o ser humano, reside na gratuidade de suas ações, -e por isso mesmo o ato cria

tivo está cheio de graça, (Boff, Leonardo "A Graça Liberadora no Mundo")- também é certo que a maior desgraça é o mal pelo mal, que no social seria o lugar da inibição da criatividade já que o ato criativo está cheio de de gratuidade e de alegria.

Karl Marx em "O Capital", nos mostra parte deste espaço, limbo donde foram raptadas ao ser humano muitas de suas capacidades, conquistadas no processo liberador que iniciou com o trabalho e com o processo criativo e a simbolização inerente.

Este processo se vê truncado na apropriação que fazem alguns dos instrumentos do trabalho das maiorias, para a partir daí apoderar-se também de seu trabalho, de sua iniciativa, de sua capacidade criadora e crítica, afastando o trabalhador de si mesmo e de suas possibilidades de desenvolvimento.

Esta descrição que nos faz Marx da sociedade industrial nascente na Grã-Bretanha é cada dia mais atual, dada a pauperização crescente das populações de trabalhadores, uns alienados nos seus trabalhos, e outros, paradoxalmente alienados pelo desemprego, quadro agravado pelo avanço tecnológico em todos setores científicos em função da produção, do mercado, e do lucro, dentro do prisma míope do desenvolvimentismo.

**II**  
**CRÍTICA**

## 2.1 NÍVEIS DA CRÍTICA E IMAGINAÇÃO

Tão certo como nós nunca podemos compreender a totalidade do ente em si e absolutamente tão evidente é com tudo, que nos encontramos prostrados em meio ao ente de algum modo desvelado em sua totalidade. E está fora de dúvida que subsiste uma diferença essencial entre o compreender a totalidade do ente em si e em encontrar-se em meio do ente em sua totalidade. Aquilo é fundamentalmente impossível. Isto, no entanto, acontece constantemente em nossa existência." Martin Heidegger.  
Definir-se implica criticar o todo.

Há muitas opções e caminhos através dos quais o ser humano tratou de autodefinir-se e, estritamente falando, por não abarcarem todas as possibilidades humanas, fracassaram. Quicá a característica que mais defina a humanidade seja sua própria indefinibilidade, já que o homem, como os misteriosos buracos negros do espaço cósmico nos quais a luz que emitem volta para seu centro por seu inexplicável egocentrismo e força gravitacional, ele emite para si próprio, a luz de seu entender sem entender-se, sem iluminar-se.

Ao longo da história, defendeu-se que o homem é um animal racional, dando prioridade ao racional sem esquecer a natureza animal. Este enfoque tem duas grandes vertentes opostas entre si. A evolucionista, da qual Charles Darwin é o fundador, e a dogmática, da qual a Doutrina Católica é o principal exemplo. Ambos pontos de vista deixam muitos enigmas sem resolver. Como, quando e por quê, o antropóide do qual viemos, deu o chamado salto qualitativo, gerando uma nova espécie?. No caso da teoria Darwinista não temos resposta. No caso da doutrina cristã todas as perguntas

estão resolvidas no dogma e na doutrina mesma, e expressas no mito cristão de Adão e Eva no paraíso.

Outros dizem que o homem é um animal que simboliza, e que o símbolo foi, em sua história, a ferramenta com a qual construiu o elemento que significativamente o diferencia de todo o resto dos animais: o cérebro humano e suas funções. Todos os cientistas da linguagem e até os cientistas sociais seriam tratadistas deste enfoque, como Marx, que com seu interesse nos procesos da produção, chegou a intuir o valor do símbolo na história do pensamento. Não podemos esquecer Freud, para quem o processo de simbolização é o resultado da sublimação do desejo, entendido este como a lembrança compulsiva do prazer já experimentado, simbolização que não só permitiu a estruturação da razão e do consciente, como em especial do subconsciente, através da qual sublimamos, censuramos, reprimimos ou realizamos na loucura dos sonhos, os desejos.

Enfim, há ainda a tese que o homem é um animal que olha para si, e que este fato o torna singular, porquanto isto lhe permitiu atuar sobre si e desenvolver a faculdade de adequar-se ao meio. No entanto, os demais animais em sua luta pela sobrevivência, tentam prolongar a espécie através da resposta biológica, às vezes sem êxito.

Alguns dizem que o fato anterior faz do homem, o único animal que se esquece de sua dependência do meio, e assim se converteu em uma espécie de parasita, quizá o único que destrói o meio

que o sustenta, e isto em última instância define a espécie humana.

Muitas foram as tentativas de definição. O homem é um animal insatisfeito, incapaz de alcançar a felicidade. O homem é um animal que por uma causa adoentou, perdeu os instintos, e assim, indefeso, desenvolveu outros mecanismos para atender suas necessidades. Há quem afirme que o homem é o animal que ri. Outros menos otimistas dizem que o homem é a falta de lógica da natureza e que sua existência não atende a nenhuma lei cósmica. Há os que, pelo contrário, defendem que a única razão e explicação da natureza, radica no ser humano. Alguns mais românticos definem o homem como o único animal que ama. Outros dizem que é o único animal produtor de cultura e, portanto, pode-se defini-lo como o animal cultural. Nesta lista inacabável há os que priorizam outras dimensões humanas dizendo que o homem é um animal fantástico por sua fantasia, que imagina, que sonha, que cria...

Este afã do homem por se auto definir é com certeza só uma das maneiras de tentar se situar, ajustar-se, criticar-se frente ao todo e constitui o exemplo de uma das características mais significativas do ser humano, a criatividade, como expressão de sua atitude crítica.

Atitude crítica, atitude criativa e imaginação, não aparecem em outras espécies animais, cremos sejam estas as características que definem a espécie humana, numa primeira abordagem.

Quem tenha um cachorro ou o tenha tido, sabe certamente que o cachorro ama. Há muitos exemplos que mostram até onde pode ir o amor de um cachorro por seu amo. Em seus solilóquios quicá até possamos afirmar que o cachorro olhe para sí, pelo menos quando quieto. O olhar fixo no infinito, sem pestanejar, parece "filosofar". O senso comum nos permite refletir e indagar em qué pensará, até que algo o saca de seu estado e sai disparado atrás de um menino, um pássaro ou um carro.

Acontece o mesmo quando, deitado a nossos pés, descansa e sonha; sonha sim, senão, como explicar esse gemer, esse estremecer que vai das patas à cauda, esse esboçar latidos e grunhidos, esse entreabrir de olhos, suspirar etc., que vemos no cachorro a descansar?.

Será esse sonho da mesma natureza que o sonho dos homens? Possivelmente não, já que no homem o sonho se dá em função dos desejos não realizados, portanto mais imaginados do que reais, na louca realidade simbolizada e sonhada, enquanto que o cachorro, possivelmente em seus sonhos, repassa durante o descanso, os principais acontecimentos de sua vida. À sua mente chegam recordações de ações não resolvidas, ou não totalmente resolvidas de maneira similar à que chega à mente humana, mas não simbolizada, não mediada, talvez direta, cuja energia represada sai no sonho, para assim lhe permitir o repouso necessário.

Estes acontecimentos, que chegam no sonho à sua mente, são imagens quicá da mesma natureza que as imagens que chegam à

nossa; talvez no registro fisiológico do cérebro se limitem a estruturas de natureza eletro-bioquímica, mas diferentes das nossas imagens, que foram construídas a partir das experiências dadas. Dadas porque só o meio cultural e simbólico nos permitiu sua apreensão, enquanto para o cachorro, essa apreensão foi meramente a partir de sua percepção direta da realidade, mediada unicamente pela capacidade maior ou menor de seus sensores orgânicos.

O motivo deste paralelo não é outro que o de insistir na natureza da imagem para o homem, já que boa parte da ação crítica, como veremos, se exerce sobre a imagem e sobre a imaginação, tema que discutiremos mais adiante.

É bom recordar que para tratar dos níveis da crítica devemos ter em conta que esta não se dá de maneira pura e solitária, no vazio, mas que sua existência está em função de um objeto determinado, sobre o qual a crítica exerce sua ação ordenadora. Dito objeto, por ser objeto da crítica, tem "per se" o mesmo nível dela, em outras palavras, existe uma correspondência entre o nível crítico e o objeto da crítica, e é por este fato que podemos estabelecer os mencionados níveis.

- Correspondem ao nível primário objetos dados desse nível, isto é, a crítica é exercida na escolha do objeto. O primeiro nível da crítica é dado pelo sujeito ao selecionar no âmbito espaço-temporal do mundo dado. Este primeiro nível se dá na percepção, já que só percebemos aquilo que nos interessa perceber e dentro do horizonte que nos oferece a cultura. O primeiro nível pressupõe os pré-críticos, quando a humanidade re-criou a realidade milenar que hoje herdamos.

- O segundo nível da crítica estaria dado pela ação ordenadora sobre o objeto escolhido, pressupõe o nível anterior e

prepara o posterior. Corresponde à função denominadora da crítica, expressa na linguagem.

- O terceiro nível corresponde à crítica que se faz à ação ordenadora do segundo nível e à escolha do objeto no primeiro nível. Podemos dizer que a função deste nível é a crítica propriamente dita, já que se expressa em conceitos, juízos e hipóteses. Os construtos religiosos, filosóficos, científicos, técnicos e artísticos correspondem a este nível.

O terceiro nível da crítica se distingue dos anteriores, porque sua crítica sobre o objeto é uma crítica a si mesmo. Ao pretender ajustar o objeto, o ser humano está realizando de fato um ajuste sobre si próprio, como indivíduo e como espécie. Ao criticar ou re-criar o objeto, na verdade estamos criticando o ser humano que anteriormente o mediou, e assim estamos nos ajustando ao mundo dado.

Neste nível, se encontram desde as mais modestas produções do intelecto, até as maiores e mais significantes, já que em última instância todas são significantes porquanto todas representam o *quantum* criativo e crítico dos indivíduos na construção não acabada do mundo, jamais acabada.

Com estes pressupostos, não podemos repetir com os cartesianos que o pensamento é susceptível de substituir a imagem se bem que é certo que o objeto da crítica em última instância, não é o objeto em si, e sim a imagem dele, a imagem que fazemos dele. Isto corresponde à maneira como aprendemos o mundo como dado, e por conseguinte o pensamento corresponde ao que vimos chamando de ação crítica que, no caso da imaginação, se dá como a crítica necessária e suficiente, por ser esta apenas a forma da imaginação e seu limite.

Pensamento e imagem se complementam, se completam na projeção que o homem faz de si e do objeto, através da imaginação e da imagem.

As coisas se tornam presentes em nossa mente, por sua aparência. Aparência já conhecida e testada, já mediada, privilegiando ela mesma o modo pelo qual o homem terá de compreendê-la. Se esse modo será visual, olfativo, auditivo, tátil, gustativo, espacial ou intertextuado, nada mudará o fato de sua presença ser em relação à mente humana, tão só uma aparência. O homem aspira conhecer outras aparências da coisa dada pela experimentação, até decantar sua essência, essência alheia à experiência mesma e à sua tangibilidade. Mesmo que em nossa mente essa essência não corresponda à realidade imediata.

Daí que a essência do fenômeno de que se trata, não se dê necessariamente em imagens realistas e sim na ordem do abstrato e quiçá também intertextuadas. Relacionadas com outros fenômenos cujas imagens guardamos como impressões no sistema neuronal, em códigos eletro-bioquímicos que estão não só à disposição dos processos críticos próprios de nossa atividade racional, como também das atividades inconscientes pré-críticas e da imaginação mesma.

Em se tratando da relação da imaginação com a imaginação sem limites, a loucura, só nos resta dizer que é um estado a-crítico. Uma imaginação sem os limites da crítica, leva a uma atitude desajustada com o mundo dado, à loucura, pelo que se pode afirmar que a crítica é a faculdade que permitiu ao homem uma re

lação de ajuste com a realidade. Mesmo na atitude pré-crítica existente nos dogmas, está em germe a atitude crítica, tão fundamental para o homem.

Todas as atividades humanas nascem da realidade e da experimentação com ela e com sua percepção através das imagens. Por conseguinte, a imagem e a imaginação têm um papel significativo em ditas atividades e em sua natureza, quer se chamem ciências, arte, filosofia ou teologia, posto que é através da imagem que estabelecemos nossas relações com o mundo.

Enquanto escrevo isto, me chega aos ouvidos o som da frigideira, e uma baforada apetitosa de ovos fritos com cebola e tomate se desliza por todas minhas células olfativas; é minha mulher que prepara o café da manhã. O cheiro da manteiga que frita e crepita, me leva em um vôo da imaginação a meus anos de menino e a um retorno à meninice, me vejo lá em Bogotá, na casinha de minha mãe, esperando o café da manhã para logo ir ao colégio.

Mas retorno a Campinas e à minha mesa de trabalho continuo a escrever sobre a crítica, graças à atitude crítica da qual participo com a espécie.

Neste exemplo sim, poderíamos falar de uma imaginação olfativa, de uma imaginação gustativa, de uma imaginação espaço-temporal, de uma imaginação em resumo, determinada pelo canal ou canais por meio dos quais re-experimentamos o mundo dado.

Em nossa imaginação pois, só guardamos aquilo que de certo modo reforça o que de fato já somos, como seres específicos, in

dividuais e sociais; produtos não acabados certamente, mas com um caminho a seguir, marcado pelas singularidades próprias do caráter social, do grupo em que vivemos, caminho que seguiremos inevitavelmente como seres históricos e culturais que somos, e que enriqueceremos a partir de nossa própria singularidade.

As respostas que dermos ao mundo terão como referência a imaginação e sua memória ativa, por um lado, e por outro, o mundo dado. Nestes dois referenciais, e na oscilação de um a outro, está expressa nossa condição de seres obcecados pelo ajuste; através da resposta ao mundo dado, estamos ajustando-o, criticando-o, a nos auto ajustando ao mundo. Somos em todo agir, sujeitos da mesma ação, e às vezes seu objeto.

Daí que o agir do homem sobre o mundo se dê, não na objetividade, nem na subjetividade, mas na experiência com o mundo, espaço da oscilação entre a condição de sujeito e de objeto; espaço-pátria-berço da condição humana como tal, já que é aí onde se evidencia a faculdade que permitiu à espécie humana chegar até o dia de hoje, sua capacidade de ajuste.

Esta mútua relação do homem com o mundo dado, nos torna herdeiros e artífices de um horizonte cultural próprio, apropriado, singular, e sobre o qual projetaremos nossa possibilidade crítica e criativa, e além do mais, singular também enquanto vem de indivíduos humanos.

Na continua e inacabada tarefa da construção cultural e como seu resultado, encontramos também a construção da sociedade. Daí a importância do cultural e sua relação com o social e o econômico.

No jogo macro-econômico neo-liberal do final deste século parece não ter cabimento a diversidade cultural, se nos atemos à argumentação dos profetas da "globalização" e da "cultura universal". Eles argumentam com hipóteses meramente mecanicistas a partir da análise de fatos que certamente marcam estas últimas décadas, mas que certamente não atingem plenamente uma boa parte das populações do mundo não desenvolvido; alguns destes itens implícitos no surgimento de uma "nova ordem mundial" seriam:

- Os acontecimentos políticos na Europa do Leste
- A nova estruturação dos mercados internacionais
- A reacomodação dos países em blocos
- O acelerado avanço da tecnologia
- A velocidade cada vez maior na comunicação a distância no transporte e no uso e comércio da informação.
- O uso por parte da "mass media" desta tecnologia atual.

Tudo o anterior levaria a uma homogeneização cultural, refletida principalmente nas imagens dos estereótipos consumistas.

Esquecem estes profetas que os homens e mulheres latino-americanos -para não dizer terceiro mundistas ou subdesenvolvidos- não usufruem de todos os avanços tecnológicos, e não ser via um modo muito suspeito: o da propaganda e da informação "objetiva" por ser filtrada, repetitiva e ideologizante.

Certo é que somos participantes e solidários com a espécie, com suas lutas e avanços; frente à televisão a humanidade se estremece como um todo ante uma imagem à qual num momento dado, estamos todos atrelados.

Lembremos as lágrimas de emoção quando na TV, vimos os primeiros passos de menino grande, do astronauta norte-americano sobre a superfície empoeirada da lua. Lembremos o orgulho que inflou nosso peito, por sermos humanos e participantes deste triunfo sobre a natureza.

Triunfo que marca o início de uma corrida louca, de uma tecnologia também enlouquecida, ou a-critica, nesta orientação para o espaço sideral, que se convencionou chamar de guerra nas estrelas.

Essa multidão que é crescente e "participa" em sua imaginação, quando o televisor lhe mostra os últimos avanços tecnológicos, a magnitude e precisão de uma guerra asséptica e moderna, herdeira dos avanços técnicos da chamada "guerra das estrelas". Participa e aplaude com a espécie através de uma informação limpa e asséptica, sem sangue, sem órfãos, sem viúvas e sem pranto, mas a forma última de mediar o mundo: a cultura da guerra, parte da chamada cultura universal.

Essa massa humana vibra gratuitamente pela espécie e também gratuitamente levanta preces e derrama lágrimas de emoção, em sua atitude pré-critica.

Também, pela imaginação, somos partícipes de tudo o que a publicidade nos dá em sua aparente gratuidade. Somos co-donos e viajantes participantes desta viagem na nave que é a terra e ao ver passar o avião soberbo e pequeníssimo que sulca o céu, nos trasladamos e nos vemos nós também recostados nas poltronas degustando o ar pressurizado, olhando para baixo pela janela, para o mundo proibido das favelas em cuja lama estão semeados nossos pés.

A atitude pré-crítica, tão comodamente instalada, do mesmo modo que nós na poltrona do avião imaginário, é a companheira de viagem da espécie humana neste fim de século, graças a vários fatores, dos quais um, quem sabe, parece ser a enfermidade social mais grave, gerada por sua vez num lugar que se acreditou ser o sucesso mais acabado da evolução, a cidade.

Há como que uma doença social gerada pela cidade e mostrada pela ideologia urbana, que como um ente com vida própria se renova, se transforma e infiltra por todas as fendas de nosso edifício humano. Esta doença, devido aos avanços e manejos dos especialistas da comunicação e da *mass-media*, ameaça acabar com o que de mais humano temos, fruto de séculos de experiência, e da inter-atuação social: a possibilidade do outro.

No outro, e sua possibilidade de semelhança com nosso ego, repousam as formas da individualidade e do inter-atuar social, propriamente humano. Estas manifestações se expressam nos sentimentos de confiança, nos relacionamentos mercantes e pro

fundos, na autoconfiança, baseada na fé nos semelhantes, que em última instância, se resume na alegria de viver.

O homem urbano que tipifica o século XX, em que prevalece uma atitude oposta à anterior, isto é, uma atitude a-social, que se aglutina nas grandes metrópoles e ainda nas cidades de menor tamanho e até em vilarejos imbuidos da ideologia urbana, é um ser sem perspectivas reais de desenvolvimento, para não dizer que é o ser humano que retorna doente, a épocas pre-críticas, quicé em busca de uma segurança que a sociedade em sua evolução não conseguiu lhe oferecer.

Esse homem urbano objeto da sociologia moderna, produto da industrialização, da economização e da intelectualização da sociedade, realiza sua possibilidade dentro de um individualismo aparente no qual cada sujeito acredita ingenuamente que é diferente dos outros sujeitos, o que paradoxalmente o identifica com todos os outros.

A massa urbana assim vista, é uma sociedade atomizada dentro da qual e como nexos reais entre as partes, está o receio, a desconfiança, a competitividade como norma, a prioridade do pragmatismo econômico nos relacionamentos, o atuar frio e calculista, e por último, a primazia do uso da razão como outra deformação de nosso crescimento, o intelectualismo.

Já em 1900, o sociólogo alemão George Simmel em "A Metrópole e a Vida Mental" mostrava o relacionamento íntimo entre a cidade e um certo tipo de respostas dos seres urbanos aos es

tímulos da cidade, configurando "a base psicológica do tipo metropolitano de individualidade", em que sob a aparência do anonimato e da liberdade maior, achamos um ser solitário, doentamente só, desconfiado, lutando por realçar sua singularidade como única possibilidade de sua sobrevivência urbana, tentando atrair para si, a atenção de seus semelhantes.

Desta data para cá, as contradições com o crescimento e o auge do consumismo se tornaram muito mais marcantes. Novos problemas sociais surgiram, como a deterioração do ar, da água, do solo, e a crescente pauperização das populações, assim como o crescimento urbano desmedido e não planejado, até agora não solucionados.

Daí referirmo-nos a este fenômeno urbano onde prevalece a cultura da miséria como fenômeno principal, tendendo a se universalizar nos modos próprios de cada cultura, afastando-a da possibilidade social como tal e regredindo às formas mais primitivas da socialização animal.

Isto não é motivo de alegria, pois tanto a cultura universal e sua imposição, quanto o desenvolvimento de formas de regressão cultural, conduzem irremediavelmente a situações anteriores às próprias épocas pré-críticas de onde a espécie partiu, por atacarem ambas, a possibilidade humana da crítica e da criatividade.

Por isto, há a necessidade de uma filosofia que trabalhe os problemas atuais e em especial que o faça pelo retorno a etapas críticas, como foi a tentativa de Kant frente às filosofias dogmáticas do seu tempo.

Kant aparece como o gênio necessário que a história produz num momento de crise, é o resultado de um processo social como um todo, onde o avanço das ciências positivistas e a comprovação do método experimental como o caminho para chegar à verdade do objeto, abalam a possibilidade da filosofia como tal, e mais especificamente, a da metafísica. A filosofia dogmática neste momento de sua história, na confrontação com as ciências naturais, estava irremediavelmente sem objeto, pois se antes a explicação das coisas do mundo e da realidade eram seu motivo próprio, agora este objeto era próprio das ciências positivas ou experimentais.

Para Kant, foi fundamental a chamada metafísica dogmática, para sobre sua negação construir a Crítica à Razão Pura. Nesta obra, com visão genial, troca o objeto da metafísica clássica, enfocando-o até à possibilidade de conhecimento. Cria assim uma nova ciência, a Metafísica Transcendental, ou pelo menos tenta, tentativa que até hoje justifica a filosofia.

Kant parte de Hume, que corajosamente negou a indução, valor primeiro do empirismo, sobre o qual estava se desenvolvendo toda a ciência positivista do momento. Hume, e muito depois Karl Popper, nega a possibilidade da indução como método para chegar à certeza e à verdade. Este método, baseado na repetição de experi

ências para a indução de leis, é um método mal fundamentado, pois para inferir uma lei necessária e universal não se pode levar a cabo todas as experiências que nos certificam de sua universalidade.

Sobre esta certeza, Kant, além de ver como se dava o avanço científico da época e da análise desse processo, chega à conclusão de que é o homem que, armado e provido de conceitos "a priori", os impõe à natureza, da qual e em cujo confronto consegue deduzir as leis, que de certa forma já tinha previsto.

Nega assim a possibilidade da conceituação "a posteriori" em especial no que tange aos processos do conhecimento e, partindo da análise do processo científico, nega ao método experimental a certeza. Kant coloca os conceitos "a posteriori" metodologicamente em segundo plano, pois em várias oportunidades em sua Crítica, enfatiza que é a experiência sobre a realidade quem dá origem a todo tipo de possibilidades de conceituação.

Isto é, se por um lado todo seu interesse gira em torno dos conceitos "a priori", ele não desconhece que estes ainda têm sua origem na prática humana, na experimentação com o mundo e com a realidade, onde de fato está a experimentação consigo mesmo.

Metodologicamente Kant não toca o fato de que geneticamente não se pode categorizar de conceitos puros "a priori" a não ser os constructos da matemática e da lógica, de interesse circunstancial só para uma metafísica como a que Kant tentou instaurar, que ele chamou de transcendental, por ir à razão última da filosofia, a Razão.

Kant se dedicou com especial interesse a conceituar, sobre as possibilidades da capacidade da razão, a partir da análise de um pensamento dado, e com um nível crítico já dado, que podemos afirmar com certeza, era o seu próprio, desconhecendo os outros níveis da crítica e da conceituação, os níveis genéticos do pensamento, dos quais iria se ocupar posteriormente a epistemologia genética e a psicologia por ela fundada.

Kant manifesta essa ignorância, quando diz: "é que o conhecimento humano tem duas origens e talvez ambas procedam de uma raiz desconhecida para nós. São elas a sensibilidade e o entendimento. A teoria da sensibilidade deve pertencer à primeira parte da ciência elementar, (crítica), pois as condições sob as quais os objetos se dão, precedem àquelas sob as quais são concebidos estes mesmos objetos." \*

Na introdução à Crítica da Razão Pura diz: "Não se pode duvidar que todos nossos conhecimentos começam com a experiência, porque com efeito, como se teria de exercitar a faculdade de conhecer senão fora, pelos objetos que excitando nossos sentidos, produzem por si mesmos representações, e por outro lado, impulsionam nossa inteligência a compará-las entre si, enlacá-las ou separá-las, e deste modo compor a matéria informe das impressões sensíveis para formar esse conhecimento das coisas que se chama

---

\* Kant, E. - Crítica de la Razón Pura, Editora Sosedo S.A. Trad. José del Peyo, 1976, p.167.

experiência. Nenhum de nossos conhecimentos precede à experiência pois todos começam com ela." ' 7

Pelo exposto vemos claramente como as imagens são as representações de coisas em nossa mente, e que uma parte de sua relação com a inteligência não é outra coisa que a função crítica como tal. Vimos claramente há pouco como as imagens para Kant não são outra coisa que a representação de "coisas" em nossa mente e que uma boa parte da sua relação com a inteligência é o desenvolvimento da função crítica como tal.

Este fato significativo para uma conceituação sobre a crítica comum, sobre a razão e o senso comuns, geradores de níveis mais altos de conhecimento, não foi tocado por Kant, que dedicou boa parte de seu trabalho aos conceitos "a priori", os quais David Hume criticou como conceitos inexistentes como tais, já que, segundo este filósofo, não passam de crenças, frutos do hábito e da experimentação repetida.

Para Hume os chamados conceitos "a priori" não existem. Por exemplo, o conceito de causalidade, essencial para as ciências empíricas, é uma crença, à qual nos habituamos, desnecessário e não universal, como defendia Kant.

Hume nos dá a razão para uma crítica significativa à Crítica da Razão Pura, que invalida o fundamento da crítica de Kant, porquanto se Kant pretendia fazer uma crítica transcendental à

---

' idem, p.147.

filosofia dogmática, por sua vez a estrutura de seu constructo filosófico afunda no terreno movediço do dogma da existência anterior dos conceitos a "a priori".

Com respeito à transcendência da obra de Kant, é inegável que dado o momento histórico que passava a filosofia em seu enfrentamento com as ciências positivas, ela marcou um novo espaço impossível de ser disputado, que com propriedade pertence à epistemologia: a crítica à razão. Daí se depreende a prioridade que Kant deu aos conceitos *a priori* em oposição aos conceitos *a posteriori*, terreno próprio dos cientistas e sobre os quais estava se fundamentando o empuxo provado das ciências.

Kant foi colocado frente a frente com o fato científico e com a filosofia, que pretendia manter seu espaço no conhecimento das coisas e do mundo armada tão só de uma metafísica já obsoleta, que optava por se somar parasitariamente às ciências empíricas, ou perecer. Assume então a fundamentação de uma ciência metafísica até o momento desconhecida, que se volta para o sujeito, ainda que prevista pelas escolas filosóficas gregas em seus projetos epistemológicos, baseados no conhecimento do objeto, do mundo, e nas possibilidades desse conhecimento. O objeto desta nova metafísica é o sujeito mesmo e sua razão. Kant funda de fato uma meta-epistemologia, que por sua natureza só poderia se ocupar prioritariamente dos juízos e conhecimentos "a priori".

Kant se põe como questão primeira: "Qué é o que o entendimento e a razão, livres de toda experiência podem conhecer e até

onde podem estender esse conhecimento?". Esta é a pergunta básica que Kant pretende responder em sua crítica, onde entre muitas coisas, encontramos parágrafos de grande beleza e coerência expositiva, e clareza. Transcrevo aqui um deles, o que encabeça a "Segunda Parte da Teoria Elementar Transcendental- da Lógica em Geral".

"Nosso conhecimento emana de duas fontes principais do espírito: a primeira consiste na capacidade de receber as representações (a receptividade das impressões), e a segunda na faculdade de conhecer um objeto por meio destas representações (a espontaneidade dos conceitos). Pela primeira nos é dado um objeto, pela segunda é pensada sua relação com esta representação (como pura determinação do espírito). Constituem, pois, os elementos de todo nosso conhecimento, a intuição e os conceitos. De tal modo que não existe conhecimento por conceitos sem a correspondente intuição o por intuições sem conceitos. Ambos são ou puros ou empíricos: empíricos se neles se contém uma sensação (que supõe a presença real do objeto); puros, se na representação não se mescla sensação alguma. Pode-se chamar sensação a matéria do conhecimento sensível. A intuição pura só contém a forma por que é percebida alguma coisa, e o conceito puro a forma do pensamento de um objeto em geral. Somente as intuições e conceitos puros são possíveis a priori, os empíricos, a posteriori." \*

Kant e Marx exercem sobre seu constructo as consequências mesmas do constructo; Marx, em "O Capital", aplica sobre sua própria produção o método de análise que chamou de dialético materialista. Kant por sua vez, pretende aplicar sobre si e sobre o próprio constructo de sua crítica, os princípios da crítica transcendental à razão. Ambos, cada um dentro de sua especificidade, fazem aplicação da crítica sobre sua própria crítica e em

---

\* idem, p.201.

bos, por sua vez, poderíamos dizer, fazem uma crítica trascen-  
dental partindo de diferentes ângulos.

Conseqüente pois com sua tarefa de dar bases a essa nova ciência metafísica, Kant parte por um lado dos critérios ideais de uma ciência natural, produto de uma suposta atitude apriorística própria do cientista positivista. Com o ir ao mundo e à sua interpretação armado de conceitos "*a priori*" e com hipóteses e teorias de origem apriorística com os quais submete a natureza, e sua certeza da impossibilidade de esclarecer a realidade com critérios "*a posteriori*", Kant se volta sobre si, sobre suas próprias capacidades de entendimento, para interrogar sobre essas possibilidades, de uma maneira adequada à própria razão. Esta será a base de sua Crítica, além da força moral, que lhe permitirá quando for necessário, criar e levantar hipóteses "ad oc", com as quais imunizar sua teoria, hipótese da qual Popper depois em seus estudos sobre o avanço das ciências, criticaria.

Kant diz a respeito: "O desejo de estender nossos conhecimentos é tão grande, que só se detém quando tropeça com uma contradição claríssima. Porém as ficções do pensamento, se estão reguladas com certo cuidado, podem evitar tais tropeços ainda que nunca deixem de ser ficções."'

Este, "*en passant*", é apenas o registro de uma atitude a-crítica, que marca muito o fazer científico e por que não

---

' idem, p.152.

dizê-lo, também o filosófico. Kuhn diz a respeito da ciência, que o que se contrasta e confronta não é a teoria, senão o cientista, sua inteligência e sua capacidade. De outra parte, na confrontação de hipóteses filosóficas, vemos também uma atitude a-crítica similar, ou pelo menos isto é o que se vê nas confrontações dos filósofos da ciência tais como Thomas Kuhn e Karl Popper, que são contrastes de personalidades e não de teorias.

Voltando a Kant, vemos como sua atitude crítica frente à escola dogmática abre novos espaços que permitirão a estruturação do pensamento filosófico, de vertentes muito diferentes da kantiana, como poderiam ser: a fenomenologia de Husserl, de Heidegger, e também o avanço de ciências como a psicologia genética, que por sua vez faria um retorno à filosofia sobre a explicação científica da conceitualização "*a posteriori*" e da construção das estruturas mentais. Teorias que por sua vez também teriam uma repercussão no resto das ciências sociais, diga-se antropologia, sociologia, arqueologia, antropologia social e até em uma tentativa de pré-história, ampliando o leque de explicações a respeito desse ser inexplicável, o homem.

Um dos acertos kantianos foi reconhecer que no conhecimento "*a priori*" existe muito de "*a posteriori*" e no "*a posteriori*" há muito de "*a priori*" e que é impossível sua separação. Ainda que no trabalho filosófico devamos fazer uma distinção entre *um* e *outro*, este reconhecimento é significativo em especial para a futura psicologia que chegou até nós, na qual, a partir do trabalho

experimental (Piaget, Vigotski) se dá a comprovação dessa relação mútua, nos diferentes níveis do desenvolvimento humano.

Não obstante e apesar de sua atitude crítica, Kant passou de longe e sem analisar sua própria atitude crítica geradora em última instância de seu constructo, por ser companheira "sine qua non" da atitude criativa, esta não sendo contemplada como tal em sua obra. Kant se dedica a uma crítica de nível superior, tanto por sua grandeza criativa, quanto por seu afã crítico, e por sua aparição oportuna e historicamente justa, olvidando-se em seu afã crítico, que esse nível é produto da atitude crítica própria do homem.

Estas possibilidades produziram sua própria potencialidade crítica, isto é, se esqueceu dos níveis primários genéticos da crítica e de que o ser humano pensa no que crê e crê no que pensa. Que em todo pensamento existe muito de crença, como pensava Hume. Estamos certos agora de que o homem pensa e crê no que percebe e não só no que vê, já que o que vê tem que ajustá-lo, ordená-lo, mediá-lo e em última instância, percebê-lo. Se pensamos que a crença é produto da experiência e da comprovação pela experiência, temos então forçosamente que entender que a ciência é produto da crença e que o avanço do conhecimento humano é em boa parte devido à crítica sobre a crença.

Em última instância é certo que a crítica em seus níveis primários origina a crença, pois toda experimentação do mundo implica a percepção do mesmo. Assim a crença faz parte do modo hu

mano de mediar o mundo físico e o metafísico, do mesmo modo que a imaginação, que a atitude criativa e que a atitude crítica.

É bom recordar que o mundo divino é produto não da experimentação e sim da necessidade do homem ante a angústia frente a si e frente ao todo, do qual o dogma é sua expressão que a atitude crítica não alcança. Neste caso sujeito e objeto são inadequados e inadequáveis.

## 2.2 CRÍTICA E COTIDIANO

"Parece sem dúvida que em nossa rotina cotidiana estamos sempre presos a este ou àquele ente, como se estivéssemos perdidos neste ou naquele domínio do ente. Mas por mais disperso que possa parecer o cotidiano, ele retém mesmo que vagamente o ente, numa unidade de totalidade". M. Heidegger.

Existem dois pontos extremos, opostos e inexplicáveis, nos quais o ente como tal nos ataca por igual. Um é o extremo pré-crítico, isto é, o ponto no qual a impotência humana se evidencia em sua natural semelhança com os animais, e aonde o atuar só tem explicação nos reflexos primitivos. Aí a angústia surge como uma olhada ao passado. O outro é, diríamos, o extremo pós-crítico da angústia existencial, que se dá na confrontação humana com o nada, angústia dada na transcendência da auto-consciência, e que é de fato uma olhada para o futuro.

O espaço entre estes dois extremos, que de um certo modo poderíamos dizer que se tocam, é a construção espaço-tempo e é também o espaço cotidiano, no qual a capacidade crítica do ser humano oscila em sua busca do justo; espaço do ajustamento, da crítica ao preconceito e ao dogma, e dos quais de uma maneira significativa, depende sua própria dinâmica.

Esta capacidade crítica surge no ser humano como uma ferramenta necessária, frente ao caos que foi no princípio a experiência maravilhosa para o homem, às vezes aterradora, de um mundo não mediado, cheio de perigos e temores. Mundo cheio também de possibilidades e promessas e ante o qual estava inerte, órfão das

condutas instintivas e reflexas, com as quais os outros seres vivos desenvolviam suas próprias possibilidades.

Geneticamente a crítica se dá primeiramente na função ordenadora da percepção, posteriormente aperfeiçoada na função denominadora da linguagem e desenvolvida por último, na conceitualização e no discurso.

Percepção e linguagem, se bem que tenham fontes genéticas diferentes, guardam entre si relações que vão de uma a outra, e que se afinam mutuamente. Se a linguagem é o instrumento próprio que permitirá à percepção seu crescimento, também a percepção permitirá o crescimento da linguagem, por extensão das linguagens e a evolução tanto de sua sintaxe como de sua gramática, e de seu léxico.

Desta maneira e ao final de sua percepção, o homem amplia o campo de sua relação com os outros indivíduos e com o mundo e também amplia a percepção de si mesmo, permitindo a fluidez do diálogo existente entre as três instâncias que o formam: o ego ou sujeito como tal, o sujeito epistemológico e o sujeito psicológico, (Piaget).

Este diálogo é um fato real, cotidiano e frágil, pois como todos fenômenos intracerebrais, foge a qualquer tipo de análise introspectiva que pretendamos realizar e que só podemos perceber como recordações de solilóquios, que já passaram e que se sucederam nos momentos do "dolce far niente" e também durante a realização de nossas tarefas diárias, nas quais uma de nossas

partes faz o trabalho, enquanto as outras instâncias mentais em seu diálogo, nos projetam a um tempo e espaço diferentes.

O ser humano, ao ampliar e afinar sua percepção, ampliou a percepção de si e do mundo, e de fato realizou a construção importantíssima do outro social.

Isto vemos refletido na aparição do nível do trabalho cooperativo, que representa para a evolução da espécie humana, um avanço básico que lhe permitiu melhorar e ampliar as relações com o outro, a criação da sociedade como tal e chegar a níveis superiores da subsistência, por meio dos relacionamentos sociais, que neste estágio primitivo da humanidade, vemos expressos nas diferentes formas da caça, da pesca, da coleta de frutos, da maneira cooperativa e também na conformação grupal e estratégica na luta contra outros grupos humanos, tudo isto mostrado nas pinturas que desde o neolítico e o paleolítico nos chegaram e nas quais está expresso o cotidiano destes povos.

Produtos da atividade crítica do homem, desenvolvidos pela linguagem, mais que o senso de cooperação e de consciência da espécie, foram com o passar do tempo, a consciência de si mesmo, a consciência do outro, o livre arbítrio e a consciência de sua auto-acomodação ao meio ou consciência dos efeitos de sua auto-crítica, a um nível apropriado a seu desenvolvimento. Isto posteriormente ir-se-ia aprimorando até estados não de simples operatividade como era o caso, mas já a níveis de conceito e de desenvolvimento analítico, como os que se deram na antiguidade com os

gregos e muito depois, no renascimento.

Como diz Heidegger: "Se o ser-ai, nas raízes de sua essência não exercesse o ato de transcender, e isto exprimimos agora, dizendo: se o ser-ai não estivesse suspenso previamente no nada, ele nunca poderia entrar em relação com o ente e portanto, também não consigo mesmo".<sup>11</sup>

Este enfrentamento consigo mesmo, levou-o a situar-se como uma interrogação frente ao todo, do qual, apesar de sua diferença, forma parte ativa, atuante também frente ao nada, enquanto este também é parte de sua condição humana; daí, deste enfrentamento do mundo, armado da magnífica possibilidade de mudar sua conduta, de adequar a e de se adequar, possibilidade alheia a Deus ou ao animal, nasceu propriamente a sua atitude crítica, expressa em seu afã de nomear e classificar todas as coisas do mundo circundante, afã que foi causa não só da linguagem, como da angústia primigena frente ao todo.

Há então a linguagem e a conceituação sobre todas as coisas, as úteis e as inúteis, sobre as coisas necessárias e as supérfluas, sobre fatos triviais e fugazes e sobre fatos marcantes, transcendentais, sobre partes de coisas e coisas partes de outras, enfim, a simbolização do mundo, o trabalho de mediá-lo pela primeira vez, processo da humanidade que cada me

---

<sup>11</sup> Heidegger, M. - El Ser y el Tiempo, Editora Fondo de Cultura, Buenos Aires, p.203.

nino repete em seu dia a dia, na apreensão que faz do mundo, em função de seu desenvolvimento próprio.

Tudo o que o mundo oferece à nossa percepção, é escolhido, filtrado, ajustado segundo nossa cultura e nossos interesses, criticado num nível primário, enquanto que é primeiro e anterior a qualquer possibilidade crítica anterior; primário quando deste ajuste inicial do homem consigo mesmo e com o mundo, surge o resto de possibilidades e de níveis críticos. Por último, primário por ser elementar, porquanto neste nível, a relação sujeito-objeto se dá de uma maneira unívoca, isto é, o sujeito vai ao objeto, como este sendo um sujeito dado, quer dizer, já mediado, e o objeto também é de fato um objeto dado, pelo fato de ser percebido. Existe assim, uma correspondência unívoca, na qual, repito, o objeto se dá de uma maneira correspondente à percepção do sujeito, enquanto o sujeito é dado como sujeito cultural.

Na gênese da atitude crítica do ser humano, certamente está a relação primária com o percebido, e aí encontramos também, o limite entre a condição humana e a condição animal, pois esta gerou outras necessidades e outras intenções, já não em função do imediato, do presente, mas desta vez, quanto ao imprevisto e o porvir, bom ou mau, e assim se começou a planejar, organizar e também idealizar, imaginar, fantasiar, recordar, sonhar.

Este despertar da condição humana, seguramente se deu no marco de uma cultura que nascia estigmatizada pelo pragmatismo

natural e ante a emergência de circunstâncias cotidianas que punham em perigo a subsistência da sociedade nascente; mas depois deste trabalho inicial nomeando o útil e o inútil, depois deste trabalho imediatista que abriu as portas para o manejo da realidade, a humanidade lentamente e por milênios, com o desenvolvimento do sentido da previsão pôde construir a noção do porvir e do futuro.

O real visto assim, foi intuído com a convergência do presente e do futuro, que se expressa na estrutura da magia, em cujos ritos se confunde a intenção presente e o atual simpático presente, com os desenvolvimentos desejados do futuro, possivelmente obtidos na caça, na pesca, ou na atividade guerreira, pelo qual com certa propriedade, poderíamos afirmar que o desenvolvimento desta convergência temporal pelo que tem de agressivo, foi invenção dos machos pré-históricos.

Quanto ao passado, pelo que tem de poético, de contemplativo, e de reincidente nos processos cíclicos da natureza toda e, em particular na natureza feminina, forma uma outra unidade com o presente. É outra maneira de intuir o futuro, podemos dizer de origem feminina pelo anteriormente exposto, atribuída às mulheres primitivas. Também "*en passant*", com a contemplação dos ritmos da vida em suas diferentes manifestações orgânicas e inorgânicas, deram as bases a uma arte que abstraía em formas diferentes estas constantes da pulsação vital, e que conformou uma expressão diferente da figurativa que nasceu e cresceu em função dos ritos má

gicos masculinos.

Masculino e feminino de todo modo interagindo no cotidiano das sociedades primitivas, acabam por fundir-se e confundir-se, enriquecendo o horizonte cultural da sociedade toda.

Os homens com sua visão posta no horizonte espreitando o porvir, as mulheres olhando para o passado, ambos coincidindo na procura de um presente melhor; assim, o caminhar da espécie desde então se realiza olhando-se para a frente, olhando-se para trás, e olhando para o chão presente, onde se confundem estas duas visões.

Por outro lado, o homem percebeu no cotidiano que sua capacidade de realizar os sonhos estava em parte nos sonhos mesmos, e que esta realização podia se dar por dois caminhos diferentes, que convergiam na colocação do mundo a favor do homem. Um destes caminhos era o da magia, em que por força do símbolo e do ritual de simpatia, se chegava ao milagre da realização do desejado. O outro caminho necessariamente trilhado também com a instrumentação simbólica, leva à realização do pensado e desejado, mediante o exercício próprio da crítica. Na prática, caminho de transformação da realidade, cheio de efeitos mágicos.

Se em princípio muitas das coisas e dos fatos do mundo foram dados pela magia mesma, vemos que a atitude crítica leva o homem a explicar por diferentes caminhos conceituais, a existência do mundo, sua própria vida e morte, aprimorando tal conceituação, porquanto ela se voltou para si mesma, mediando-se

ao mediar o mundo.

Deste modo, a história do fato cultural que nasceu e se desenvolveu com o homem, das posteriores mediações do mundo e de si, é uma história do homem mesmo, de suas capacidades, e em especial uma história da percepção, uma história dos modos de perceber o mundo. História não sequencial, pois vemos que esta não é um processo somatório de etapas estanques, ainda que algumas vezes por fatores os mais variados, cresce, em outras etapas da história e por fatores outros, diminui.

Assim, se olhamos criticamente para o homem contemporâneo, vemos que muito do ser primitivo pré-crítico, brota sob as formas individualistas das relações econômicas brutais, que conhecemos e sofremos de sobra, legisladas e sacralizadas através dos códigos de direito romano, herdeiro por sua vez, da filosofia grega.

Esta forma individualista cumpriu sua função histórica no renascimento, e mediante as enteléquias do êxito individual, da fama e do enriquecimento, se perenizou até o dia de hoje como sistema de relacionamento político e econômico, dando no que está aí, de todos contra todos e do homem contra o próprio meio que o sustenta, a natureza.

Em nossa cotidianidade de seres urbanos sofremos a escassa qualidade do relacionamento humano, fundado primordialmente no utilitarismo e no "quantum" econômico prioritário neste tipo de relacionamento, seja da ordem da amizade, do sexo, da parceria esportiva, intelectual, política ou religiosa.

Continuando o raciocínio anterior, é notório que as últimas décadas deste século que vivemos, foram marcadas por acelerado progresso tecnológico em todas as formas de produção, de comunicação, armazenamento, processamento e comercialização de informação. época povoada como nunca de aparelhos amplificadores da percepção humana, sensores espaciais, reprodutores de imagens bi e tridimensionais, telescópios, microscópios potentes e registradores ultrasensíveis da atividade íntima da matéria, aparelhos que ampliam ainda mais a possibilidade de certeza da explicação do ser do mundo e do homem.

Por outro lado, nunca antes o ser humano esteve tão afastado da possibilidade de uma crítica, que o situe perante ele, perante ao outro e frente ao mundo por fazer, em vias de seu próprio e real desenvolvimento, seja no desenvolvimento de sua capacidade criativa e crítica, seja no dia a dia no desenvolvimento de seu cotidiano, onde estão presentes também, como já se viu, a criatividade e a criticidade em níveis primários.

Além do mais, se sua técnica de percepção visual cresceu, seus órgãos biológicos como tais, foram perdendo acuidade. Estes órgãos, onde se resume toda a história e pré-história do ser humano (Marx), órgãos dos sentidos produto de milênios de evolução da espécie, foram perdendo sua já específica limitação; diz-se que o homem deste século tende a perder sua capacidade olfativa e auditiva graças à poluição ambiental, e que sua capacidade visual está sendo diminuída pela poluição visual, expressa no mau gosto

da paisagem urbana, no exagero de formas, luzes e cores em desarmonia, nos apelos publicitários cada vez mais marcantes, repetidos e repetitivos. Tudo isto acaba por sua vez com a possibilidade de perceber os meios tons em que se expressa a harmonia da natureza, cada vez mais distante da experiência cotidiana.

Com respeito às capacidades de percepção espaço-corporal e gustativa, elas falam por si mesmas. Os proliferantes "fastfoods" onde se trocaram as prioridades, ao invés de degustar e nutrir-se, agora é engolir, correr, nisto se transformou o ato de comer; tudo isto entre os empurrões de uma multidão que autominimiza seus espaços sociais, de morada, de trabalho e de transporte, na repetição monótona e rotineira dos dias, meses e anos.

Como um registro desta dualidade dada pelo aumentar e diminuir, dialética que se expressa em muitos dos acontecimentos humanos, vemos que se a capacidade de mediar o mundo se multiplicou em poucas décadas, graças ao crescimento tecnológico, para não dizer científico, por outro lado, através da comunicação se transmite a imagem de um mundo definitivamente mediado, cerceando de vez a possibilidade do homem intervir em seu próprio crescimento e no do mundo.

Assim, se por um lado nossa sociedade se diz individualista, isto é, que o indivíduo é a categoria sobre a qual estaria construída a concepção ético-moral das relações sociais (entenda-se econômico-políticas), por outro, vemos que esta

postura é negada de fato, porquanto utilizando uma ideologia aparentemente individualista, os especialistas dos meios de comunicação, os criadores de moda, os publicitários, os investigadores de mercado, minimizam a significância do indivíduo e mesmo sua condição individual, expressando isto tanto em seus apelos quanto em seus fins, ambos claramente massificantes.

Este espírito "individualista" que marca nossa sociedade capitalista, é uma "aparência", vendida com evidente êxito aos sujeitos deste século, o que se reflete no estereótipo do indivíduo de sucesso, triunfador, detentor de dinheiro e poder, e expressa o espírito nascido nos primórdios do renascimento, onde cumpriu um papel histórico real. Agora o indivíduo tem a oportunidade de chegar com sua criatividade ao crescimento de sua sociedade particular, e nesta mesma medida, a sociedade lhe permite o acesso a camadas sociais mais poderosas; o cotidiano do homem do renascimento, graças às necessidades históricas da burguesia, serviu de maneira pródiga, enriquecido por todas as possibilidades da ciência, das artes, e da filosofia em desenvolvimento.

O despertar da burguesia permite este fato porquanto só com a chegada de todos os indivíduos ao burgo, seria possível o crescimento das respectivas cidades-estado, presas ainda à idade média. Desta maneira começou o crescimento das ciências, das artes, da tecnologia, e mesmo da filosofia; podemos encontrar um singular paralelismo entre o renascimento e as épocas primitivas dos grandes inventos como o fogo, os metais e a agricultura, pois

nessas épocas se deu o exercício de uma crítica e uma criatividade comuns, enquanto eram do povo, e também, porque depois, com o acréscimo de conhecimento, estas possibilidades foram tomadas do povo, em função da elitização deste mesmo conhecimento. Esta tomada do conhecimento e sua recuperação por parte dos povos resumem em muito a história toda da humanidade.

Mas apesar de tudo e dos papéis que nos dão e impõem, tudo o que nos oferece o mundo assim mediado, está de acordo com o que resta de nossos interesses individuais, através de nossa cotidianidade, constituindo esta pequena brecha, por si só, a possibilidade de nossa real projeção para o mundo, de projeção de nossa criatividade e criticidade; este é o espaço ainda não invadido de nossa individualidade, que se situa entre os papéis que por sorte temos que cumprir, expresso primariamente nos modos como cada um de nós leva a cabo seu papel social.

Vale a pena dizer, que pelas características de nossa imaginação e fantasia, esta brecha pequena constitui por si só todo um universo de possibilidades, com cujo desenvolvimento a crítica atuante resgatará seguramente o horizonte, onde um dia a espécie humana projetou seu caminhar crítico, provido da melhor das ferramentas e talvez a única possível em seu caso, o símbolo.

O símbolo foi e é instrumento da crítica, pois está longe da possibilidade humana o atuar imediato sobre a natureza e sobre si mesmo. Sem este instrumento, sua aproximação do objeto seria intrascendente e impossibilitada de se desenvolver, porque no

símbolo está a abertura para o mundo, para o outro e para si mesmo, abertura que permite o fluxo vital dos conceitos, tanto para o fora como para o dentro subjetivo.

No criação deste veículo mediador, o símbolo, às vezes está plena a atitude crítica da espécie, já que o símbolo permitiu ao ser humano passar conceitos para outros, assim como sua generalização e universalização através da abstração, independente da forma de expressão simbólica, seja esta a palavra, seja o desenho, a transformação material e formal da madeira, ossos, pedra, argila etc.

Foi o símbolo pois, o instrumento primário da mediação do mundo e do crescimento do homem como tal. Esta capacidade de simbolização marca seu maior ou menor desenvolvimento.

Em que momento de nossa história a humanidade perdeu o rumo de seu crescimento crítico? Em que momento se perdeu a prioridade crítica de sua acomodação consigo mesmo, com os outros e com o meio? Graças a que processos mudou o objeto de seu desenvolvimento, objeto perseguido por ser intuído desde os tempos antigos em seu desenvolvimento crítico? Que objeto veio ocupar este espaço prioritário?. Seria apressada qualquer hipótese que tentasse responder estas perguntas.

O que podemos afirmar é que a regressão crítica é um fato marcante da história contemporânea, que colocou o homem não só como a espécie superior e ordenadora, mas como uma sub espécie e quem sabe a única, que deteriora o próprio meio que a sustenta, o

que não condiz com a suposta inteligência e capacidade crítica que de algum modo nos distigue do resto dos animais.

O homem se olha, ao ar, e à água com que mantém a vida, e vê sua possibilidade cotidiana de tão pouca qualidade hoje, e ao invés de se sentir um ser ordenador e crítico, se vê como o ser por natureza e talvez o único gestor da desordem frente a uma natureza ordenada, à qual olhou primeiramente como caótica.

Sintomas desta regressão crítica evidente, é por um lado, a violência do homem contra o homem; nunca antes a insegurança e o extermínio maciço, seja através da fome ou das armas, foi tão grande; a exploração do homem pelo homem nunca antes atingiu índices tão escorchantes quanto hoje, nem sequer nos começos da industrialização inglesa (Marx); o pragmatismo capitalista chegou a mostrar a sanha que hoje aparece nos desenvolvimentos econômicos internacionais e no tratamento das dívidas externas, causadoras do empobrecimento e desnutrição de nossos povos.

A deterioração do meio ambiente como efeito de uma atitude pré-crítica prevalescente, já atingiu níveis alarmantes; a água, o ar, a terra, o resto dos seres vivos, o equilíbrio da natureza da qual o homem esqueceu que é parte, pioram dia a dia, com a velocidade que por outro lado e como panos quentes para um câncer, fazem proliferar as seitas religiosas, os ritos mágicos, os gurus, santos, profetas, médicos de almas e advinhos.

Mais um sintoma: o aumento dos profissionais de ecologia, psicologia social, psicologia clínica, os psicoanalistas de todos

as vertentes políticas, econômicas, científicas e religiosas, cada um e todos pretendendo mostrar a este ser desmembrado que é o homem de hoje, o caminho da felicidade; cada um deles querendo construir nossa cotidianidade marcada pelos múltiplos apelos desvairados, desconexos, e igualmente festivos e gritantes, na tragicomédia consumista que vivemos hoje.

A ausência de uma arte que critique e assinale caminhos intuídos, é um sintoma a mais, assim como a ausência de uma filosofia que trabalhe os problemas existenciais com que nos deparamos na atualidade.

É bom notar que já se sente certa preocupação com o retorno a uma metafísica, que a partir de soluções de problemas da física atual, e da resolução de paradigmas como o dos níveis de energia e estruturação da matéria, dê as bases para uma epistemologia e uma hermenêutica que abarquem as hermenêuticas e as epistemologias particulares, cuja proliferação é mais um sintoma neste caso do afastamento cada vez maior entre ciência e homem, isto porque através da especialização das ciências e da demarcação rigorosa que cada especialização pretende, a ciência vai perdendo a perspectiva do todo científico a que pertence, e da relação deste todo com o ser humano.

Nessa atomização das ciências, se dá como consequência necessária, a busca de epistemologias e hermenêuticas próprias, o que leva a um afastamento de uma epistemologia e hermenêutica gerais, e em consequência, de qualquer aproximação metafísica.

Estes fenômenos conduzem de todos os modos e em última instância, à metafísica clássica em sua evolução lógica, pois o conhecimento do mesmo modo que a criatividade e criticidade, são um só, ainda que varie a aplicação que a eles demos.

Como dissemos antes e apesar de tudo, certamente deve ter havido uma época em que a humanidade toda teve que ser criativa, em função da sobrevivência e do crescimento da espécie. Esta, com justiça poderia ser chamada a Idade de Ouro da Atitude Crítica, já que esta faculdade era própria de todos e todos tinham que exercê-la, em função do crescimento social e individual do grupo.

Este crescimento foi lento demais, se comparado com o crescimento da civilização ocidental, a partir da criação do método experimental-empírico, forjado por Bacon. Mas foi um crescimento de que a sociedade toda participou, e cujos resultados foram se acumulando na tradição e na transmissão oral, processo que chegou a seu ponto culminante, com a invenção da escrita e a aparição de seus especialistas, os escribas, que tinham por ofício a consignação de todos os conhecimentos em documentos guardados cuidadosamente pelos homens mais poderosos da época, que assim afastavam do povo e tomavam para si a sabedoria do momento.

Vemos este fato se repetir nas diferentes etapas da história, onde por alguma razão, se dá um avanço significativo no conhecimento chamado de poder. Na antiguidade, com a aparição da escrita, por exemplo, iniciou-se uma época de restrição da ciência e o conhecimento como tal é afastado sistematicamente do povo

e também de grande parte dos membros das castas superiores; com o fortalecimento da igreja cristã na idade média, o saber necessário que se encontrava nos textos sagrados, era de uso exclusivo dos hierarcas da igreja, que assim manejavam os parâmetros da ciência e da filosofia.

Também durante o renascimento, se bem que no princípio, e graças à conjuntura do momento, se ofereceu ao povo a possibilidade de participar no dia a dia, da construção necessária da ciência, da arte e da filosofia. Logo depois, não sendo mais necessária a participação popular, esta sabedoria foi por sua vez tomada do povo e utilizada na opressão, exploração, escravização e colonização de outros povos e do próprio.

É extraordinário ver em nossa história, como o poder das idéias é tão grande ou mais, que o das armas, que o número dos soldados, ou que o grau de tecnologia da guerra.

Fernando Cortéz por exemplo, sem as observações de Maquiavel em "O Príncipe", teria desempenhado outro papel em seu confronto com Montezuma. O mesmo sucederia com o resto dos conquistadores tanto espanhóis como portugueses, que providos dos princípios da traição e da covardia por uma parte e por outra da ânsia pelo lucro e pelo êxito pessoal e fama, desenvolveram formas selvagens de violência, de pilhagem e de extermínio na exploração de povos, formas que apesar da violência que distingue o decorrer do renascimento, não chegaram em nenhum caso aos extremos que tiveram que suportar tanto os povos negros africanos

como os aborígenes americanos.

Em suma, os conquistadores chegaram à América trazendo como principal bagagem, seu espírito individualista, obra do renascimento e motivo de um capitalismo que até hoje, e hoje mais que nunca, reflete sua natureza ao propiciar a rapina diária, no cotidiano dos indivíduos e dos países, ou melhor ainda, dos blocos econômicos.

Voltando atrás, com o exemplo do sequestro do conhecimento e da ciência por parte das minorias poderosas, vemos que neste século XX, os mecanismos para levar isto a cabo, se refinaram com o avanço tecnológico da comunicação, e tanto no âmbito interno dos países como internacional o velho ditado romano de "Pão e Circo" se atualiza no manejo que fazem os poderosos dos desfavorecidos.

São exemplo disto as periódicas reuniões internacionais de emergência, como a ECO 92, que se realizou no Rio de Janeiro, projetada e financiada pela ONU e na qual, apesar de ser um espetáculo promovido e difundido por todos os rincões do mundo para despertar no povo a chamada consciência ecológica, não tocou nas áreas sociais em que reside a capacidade de decisão, ou pelo menos se absteve radicalmente destes chamados e destas responsabilidades, reforçando sua contribuição para o retorno que faz a espécie para épocas pré-críticas, como a que se iniciou com a aparição da escrita.

O aperfeiçoamento da escrita parece que se deu devido às

necessidades administrativas das castas sacerdotais nas culturas dos rios Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia, a cultura Suméria. Ante as crescentes necessidades, e aos trabalhos tão intrincados do pagamento e cobrança de tributos, recepção de oferendas, armazenamento de espécies destinadas ao funcionamento do culto e ao manutenção dos templos, inventaram um sistema de registro por signos, de todos os acontecimentos e pormenores de seu trabalho, em tábuas de argila, a escrita cuneiforme. Isto remonta a pouco mais que 2.000 A.C., com o que se iniciam não só a era da escrita em moldes sistemáticos, como também os fundamentos de uma aritmética aplicada à solução dos problemas contábeis e dos templos. (De Babilônia a Brasília, L. Wolf Scheneider Editora Brasileira de Leitura).

O desenvolvimento da escrita marca mais um passo no avanço da espécie. Todos os principais conhecimentos até aquela época, se preservavam por meio dos mecanismos desenvolvidos culturalmente, tais como: histórias, mitos, costumes, ritos e em especial, pela transmissão oral direta, que garante seguramente ter havido na antiguidade profissionais semelhantes aos que aparecem agora com a escrita.

A escrita marca também um passo atrás, porquanto daí para diante se entronizam na sociedade o espírito conservador propriamente dito e o dogma sacralizado pela escrita, mostrando-se como a solução salvadora frente às incertezas e vicissitudes da existência. Já que com a escrita se havia encontrado uma maneira se

gura de registrar, de acumular e guardar os fatos, os conhecimentos, as verdades transmitidas de boca a boca e de geração em geração, por séculos, agora, com as verdades registradas e guardadas, o zêlo frente à inovação cresceu.

Se o homem antes se refugiou em seu temor frente ao inexplicável, na magia, agora com a escrita se refugia no dogma, frente ao inesperado.

Dai, como mecanismos de proteção contra a criatividade e a atitude crítica, a sociedade propiciou na cultura uma forma de auto-conservação que desde então é a fronteira da crítica e seu desafio, pois por sua natureza, a crítica e a criatividade, se bem que gerem o fenômeno cultural e sua dinâmica, são sua negação, e nesta negação está a possibilidade do avanço cultural. Se falamos de uma história da cultura temos que nos referir ao fazer crítico, do mesmo modo que se falamos de uma história da crítica não podemos prescindir da história do fazer cultural.

Paralelamente ao crescimento deste espírito conservador e como elemento geral deste, estava o aparecimento de grupos com claros interesses de poder e de acumulação de riquezas, o que permitia o aparecimento de elites afastadas do povo, detentoras dos benefícios da cultura, conservadoras por natureza e por conveniência, interessando-lhes só a repetição de um nível do saber, compartilhado por poucos e sistematicamente afastado do povo.

Para os artesãos, artistas, filósofos e cientistas, sobrou o manejo da criatividade dentro do marco limitado de seus

ofícios, e só em função da construção de templos e coisas suntuosas e de sua decoração. Os poucos ricos terão por prazer o se divertir com estes filósofos, poetas e personagens exóticos, como estrangeiros, anões e palhaços, gerando deste modo as primeiras escolas pré-filosóficas.

O papel que a sociedade fixou para os artistas, mudou muito pouco desde então, e se nas culturas dos rios Eufrates, Tigre, Indo e Nilo, se limitou à decoração dos templos, na atualidade, dentro do contexto "individualista" que nos vem do renascimento, seu produto, a obra de arte, está determinado também e como todos os produtos, pelas leis do mercado e em função da decoração de casas e palacetes; assim, a função crítica da arte é deslocada para as colecções particulares e as caixas fortes.

Podemos ver claramente este processo, no exemplo mais próximo de Atenas, (2.000 A.C.), onde a classe alta, os cidadãos, governava um grande número de escravos estrangeiros e mulheres, classe popular formada por seres inferiores, segundo o próprio Aristóteles.

Nesta sociedade, tão só os homens do governo e a burguesia podiam fazer usufruto dos prazeres, das artes e da disputa filosófica realizada à maneira de jogos. A oratória chegou ao cume e aos malabarismos intelectuais que resultaram no descobrimento do pensamento como tal, fato tão grande que passou despercebido, e que por abarcar a todos, é quicé mais significativo que a agricultura, que a invenção da máquina a vapor, ou o descobrimento da

energia atômica: a estruturação do pensamento iniciada por Sócrates e desenvolvida por Platão, (427-347 A.C.), foi a base de toda a cultura ocidental, incluída aí logicamente a expressão do dogma cristão, estruturado graças à ontologia dos gregos, desenvolvida por Tomás de Aquino.

Vemos assim, neste momento da história, que a sociedade "in totum", e como elemento conservador primeiro, mitifica o conhecimento através da escrita e do saberório, e sacraliza todos os sucessos culturais, que passam a ser propriedade de uns quantos, com a aquiescência da sociedade, já que é de se supor, era para o bem de todos. Desta maneira, se inaugura a decadência de uma época, em que o saber não era de todos e produzido por todos, e na qual a criatividade e a criticidade deveriam ser patrimônio natural da sociedade, presentes no dia a dia enriquecedor da cotidianidade.

Aquí começa também a se especializar o saber, o saber sobre o saber acumulado. Depois, com o aparecimento das máquinas inteligentes, chamar-se-á informação, cuja disciplina, a informática com seus diferentes ramos, seria a consequência desta especialização que se iniciou com os escribas. Assim se inicia outra fase do saber humano, o filosófico, outra possibilidade até então imprevista, da interpretação da palavra e do discurso, a hermenêutica.

Este saber acumulado gera por si só, toda uma dinâmica social ao seu redor: os homens que se preocuparam por sua con

servação, os arquitetos que projetaram as primeiras "bibliotecas", os tradutores, os críticos ou hermeneutas, os preparadores de papiros e de tintas, os escribas, os armazenadores de papiros e os estudiosos, pequenos grupos de afortunados, e suas relações.

A maior biblioteca não só por seu tamanho quanto pela quantidade de saber acumulado, foi a de Alexandria, com mais de 700 mil rolos em seu acervo, onde estava recompilada a literatura grega; até hoje, a humanidade lamenta sua destruição e perda, que atrasou em séculos o avanço da humanidade.

No ano 641, o Califa Omar I, conquistador de Alexandria, ordenou a queima dos rolos, nos banhos públicos da cidade com palavras que passaram à história: "Se aqueles gregos concordam com o Corão, são supérfluos e não precisam ser conservados, se, não obstante, discordam deles, são perigosos e devem ser destruídos".

Lógicamente, este fato contribuiu para o esquecimento em que se manteve a cultura grega, pois muitos dos originais só seriam conhecidos a partir dos últimos séculos do renascimento, principalmente através dos tradutores árabes, que manejavam os conhecimentos desta cultura em suas fontes.

Seguindo com os gregos, foram eles herdeiros de um espírito que desde a antiguidade vinha ninando como um filho predileto, o amor à sensualidade e ao prazer; pela sensualidade, a Babilônia passou à história, "Ai daquela grande cidade que estava vestida de linho fino e púrpura e escarlata e adornada com ouro, pedras

preciosas e pérolas". (Apocalipse, São João, 18, 16). Pela sensualidade se aprimorou e cresceu o saber.

A vaidade cresceu e também o espírito competitivo; pelo prazer de exercitar a mente, como uma aguiazinha exercita suas asas tenras quando abandona o ninho, os gregos exercitaram o pensar; por puro prazer da discussão nasceram a filosofia, a lógica, a oratória; pelo deleite da confrontação, se deram os jogos olímpicos, dos quais nos sentimos herdeiros diretos; pelo gosto sensual da imagem, cresceram na Grécia, a arquitetura, a urbanística, a poesia, a pintura, a escultura, a cerâmica, a geometria; pela sensualidade, pelo amor sensual, se deu o teatro e se escreveram as maiores tragédias da história humana.

Coincidem pois, neste momento do desenvolvimento, dois elementos básicos: um, a alta especialização intelectual e seu desenvolvimento. Outro, o auge da civilização. Entretanto, aqui se marca o começo de uma era de regressão crítica, a que a humanidade toda se verá remetida por vários séculos; a norma e o dogma serão os parâmetros únicos do desenvolvimento cultural, a criatividade permitida retorna ao recinto dos templos, se enclausura e florescem as artes só como a expressão religiosa determinante desta época, a da igreja católica.

Igreja esta que nasce e cresce no seio dum império, que no princípio a perseguiu sanguinariamente. Pouco a pouco vai crescendo e tanto, que desloca de sua capital, Roma, o seu inimigo histórico. Este crescimento marca a decadência do império romano.

Por séculos, a presença da igreja irá marcar a história do ocidente. De sua cidade-estado, Roma, dirigirá os acontecimentos políticos e sociais que marcaram a chamada Idade Média, e apoderar-se-á de áreas de poder civil, processo que só os acontecimentos posteriores do renascimento freiarão, originando a furiosa reação que a história conhece como inquisição, e que encheu de medos e temores o cotidiano não só nos países europeus, como também suas colônias: dela herdamos as noções do pecado e do castigo eterno.

A secularização com que se inicia o renascimento, permite que figuras como Nicolau Maquiavel, exercam uma crítica à igreja e aos senhores feudais, seus aliados naturais. Surgem assim novas posturas críticas definitivas para nossa história, como foram as de Lutero, Huss e Calvino. Elas partem do espírito individualista reinante, para estruturar em torno do mesmo, a posição não só do crente frente ao dogma, às escrituras e à igreja, à sociedade em geral, mas também frente à sua economia doméstica em particular. (Max Weber).

Os artistas do renascimento também voltam seus olhos para si mesmos e sua obra, o mesmo que o resto dos mortais. A temática se torna profana, os mitos religiosos cristãos são recriados a partir da mitologia greco-romana, também nasce a pintura chamada de cavalete, de rápida execução, e a comercialização da arte como tal; há um despertar, uma explosão de criatividade, como nunca quicá se deu, refletida nas obras de arte, agora voltadas às ce

nas cotidianas, não levadas em conta antes.

Este período gerou muitas das posturas sociais que marcam a história contemporânea. O individualismo por exemplo, cujo produto é o capitalismo e por contradição o socialismo. O iluminismo cujo produto em boa parte é o método empírico de investigação, explicitado por Francis Bacon e cuja eficácia em sua busca da verdade, só recentemente foi posta em dúvida por filósofos como Kant, e na atualidade por Popper.

Estas posturas, provenientes da antiguidade greco-romana não surgem de maneira espontânea ou por causa de umas excavações arqueológicas feitas na Roma antiga, como crêm alguns. É evidente que existiam vários fios condutores, sejam eles dados pela tradição, seja através das instituições civis ou através da igreja, que chegaram até o renascimento; a igreja desempenhou um papel importante no nascimento desta época, como também foi predominante o papel dos intelectuais, que recriaram tanto a filosofia como a literatura e a mitologia greco-romana, se bem que a partir inicialmente de autores de segunda mão. É certo que as excavações realizadas nos lugares onde estava situada a Roma antiga, redescobriram parte do acervo cultural romano tanto quanto do acervo cultural grego, representados em peças de escultura levadas do lugar pelos legionários do império romano, quando este subjuguou a Grécia.

Por quase 2000 anos, o pensamento dos filósofos gregos foi esquecido. A oportunidade de comparar o pensamento do momento,

com o pensamento da antiguidade, permitiu por fim seu desenvolvimento, mas o espírito conservador, desta vez em função do saber clássico, faz com que as escolas e universidades se convertam nas guardiãs de um saber não renovado e de uma cultura em que predomina a parte conservadora da mesma, em detrimento da parte crítica.

Com o renascimento, a atitude conservadora muda de objeto, ainda que o fato mesmo do descobrimento destas culturas grega e romana e de sua filosofia, por si só o contradiga. Fatos importantes, que reforçaram a fé no homem, e em sua nova atitude frente à natureza, foram os sucessivos descobrimentos em todos os ordens e em especial o geográfico. Eles foram o acicate para o desenvolvimento de atitudes críticas nas obras de arte e da literatura nos países europeus, onde o processo renascentista foi mais marcante, como na Holanda, Inglaterra, Itália e França.

É bom recordar que tanto ontem como hoje, os paradigmas que marcam época não alcançam todos os homens e todos os povos ao mesmo tempo. Assim, em pleno século XX, há sociedades que vivem modos de vida que são restos do feudalismo, outras que permanecem em estados semelhantes aos estados primitivos da humanidade, e há os que mesclam modos, como é o caso por exemplo, de países nos quais o colonialismo, o feudalismo, e o capitalismo consumista, convivem e se exercitam no nível da imitação de estereótipos que pertencem ao imaginário imposto. Mesmo assim, de uma maneira ingênua, nos dizemos todos nós, homens do século XX.

A cada nova invenção, o homem dá um passo à frente em seu caminho para a liberação e às vezes na mesma medida, um passo atrás.

Com o método experimental, esboçado no século XIII por Roger Bacon e desenvolvido só no século XVI por Francis Bacon, inicia-se o desenvolvimento científico propriamente dito, que marcará o processo tecnológico da chamada era moderna e o seu desenvolvimento industrial. A aparição deste método revolucionário de análise científica, marca a gênese também de uma nova forma de relacionamento humano. A produção industrial prioriza no social, o fator econômico, que tudo envolve e reduz a categorias próprias da economia: as relações de família, os valores do indivíduo, as formas todas de mediação do mundo, que a partir daí serão avaliadas com os parâmetros mecanicistas de entrada e saída do lucro, de custos, e em última instância, de êxito pessoal.

Categorias abstratas, matéria prima da filosofia e da metafísica, fazem seu ingresso acritico no mundo econômico. É o caso do tempo, que passa a ser medido com as categorias da economia.

"Time is money" é o credo básico sobre o qual a sociedade capitalista constrói seus valores. Novos deuses são erigidos, o deus ouro tudo será sacrificado. Novos ritos e novos sacerdotes surgem, a grande heresia é a pobreza que se castiga com a marginalização social. A busca da riqueza constrói e às vezes destrói o homem deste século, para o qual a grande entelêquia é a "igual

dade democrática". Esta é outra aquisição ou invenção do modernismo, à qual filósofos como Montesquieu, no século XVIII, membro da nobreza francesa, que pretendendo combater o absolutismo de Luis XIV e seus aliados da igreja e defender os interesses de sua classe, dá as bases ideológicas para mudar o mundo ocidental.

Em seu livro "O Espírito das Leis" (1748), Montesquieu teoriza sobre os três pilares que sustentarão o estado moderno: os poderes executivo, legislativo e judicial, suas relações, sua natureza e equilíbrio, do qual dependerá a sobrevivência mesma do estado. Montesquieu funda com seu livro o direito positivista, a sociologia e a ciência política, intuídas de todas as maneiras 230 anos antes por Nicolau Maquiavel. Ele se atreveu a criticar os poderes da igreja e dos reis. Em seu livro "O Príncipe" faz uma crítica ao poder, sob o pretexto de obsequiar Lorenzo II com um manual para o bom manejo dele, entronizando o método empírico nas nascentes ciências sociais, partindo da análise política de seu momento e da análise histórico-política.

Montesquieu e Maquiavel são dois expoentes do que foi a luta pela secularização da sociedade, processo que vem se dando desde os princípios mesmo do renascimento e que ainda não chegou ao fim. Se olharmos criticamente as atuais relações entre o poder do estado e o poder da igreja em qualquer de nossos países latinoamericanos, veremos que o poder civil e o poder da igreja foram e são aliados naturais na exploração que o homem faz do homem, que em nosso caso se iniciou faz 500 anos. Exceções honrosas

de atitudes críticas da igreja sempre houve, a mais significativa desta época, quicá, seja a da chamada Igreja da Libertação, que numa postura hermenêutica inovadora, faz uma leitura da Palavra em que a opção pelo pobre e o oprimido é prioritária.

Maquiavel é para as ciências humanas, o que Bacon é para as ciências físicas. Ambos entronizam o método de investigação empírica, cada um no seu campo específico. Maquiavel parte da análise da realidade política para levar a cabo suas elocubrações, apoiado na filosofia da história por um lado, e de outro na psicologia.

Somente por volta do século XVIII, Rousseau (1712-1778) e Diderot (1713-1784) resgatam a obra de Maquiavel e começam a qualificar esta como uma sátira aos poderosos e uma lição para o povo, a ser aproveitada a partir das mudanças revolucionárias.

Outra utopia, desta vez produto da Revolução Francesa, é a noção de liberdade, que junto com a de igualdade, marcará definitivamente o horizonte em que se projeta a sociedade ocidental. Surge esta categoria, inicialmente, nos projetos dos revolucionários liberais franceses que incidem "en passant" em toda a ideologia anarquista posterior (Bakunin, Malatesta e outros) e também na ideologia libertadora, nos movimentos de independência latinoamericanos. Em princípio o termo liberdade foi usado com uma conotação contestatória frente à norma e à lei, em especial no contexto pessoal, individual, e no caso dos países que estavam se libertando, no rompimento do nexo de poder entre o país colo

nizado e o país colonizador.

Foi Jean Jacob Rousseau o idealizador do homem livre, justo e bom, que posteriormente por sua interação com a sociedade irremediavelmente se corrompe.

Este homem, que nasce livre como as aves, e quicé mais ainda, porquanto estas estão sujeitas a seus instintos, é o ideal inalcançável, já que todas as instituições propendem por sua limitação, a todos os níveis do agir humano. Instituições que regulamentam todas as etapas e situações da vida e morte do homem, e que penalizam e sancionam nesta vida e também na outra, com maior ou menor rigor, segundo a natureza da transgressão. Vista assim, a liberdade só existe nos interstícios institucionais, aonde não chega em sua imperfeição, a norma. É como a hera, que só cresce nos interstícios que ficam entre pedra e pedra, entre norma e norma.

Desde que se nasce e se chega inerte a um determinado meio ou grupo social, se nos dá um papel, ou melhor, vários papéis com os quais iremos cumprir nosso caminhar social, que determinarão também nosso passar pelos labirintos da eternidade: filho, noivo, pai, sacerdote, militar, avô materno ou paterno, respeitável ancião, distinta dama, honorável e preclaro cavalheiro, morto exemplar, defunto injusticado, alma bendita, beato, santo ou demônio.

O exercício da liberdade existe de todas maneiras, principalmente no mundo da imaginação e da criatividade, mais que no

campo sem limite dos modos de realizar ou de levar a cabo nossos papéis.

Nesta rápida vista de olhos sobre a história do espírito conservador, encontramos que a crítica abre umas vezes mais, outras menos, os espaços da interação do homem com o mundo, mas que é no cotidiano que se encontra a possibilidade da relação de nossa interação com o mundo e conosco mesmos, e é aqui onde devemos começar a fazer nossa pequena revolução pessoal, em função da ampliação crítica.

Neste aspecto, uma educação que lute pela ampliação da percepção, da crítica e da criatividade, deve centrar-se no cotidiano metodologicamente, para enriquecê-lo, analisá-lo, criticá-lo ou recriá-lo, sem perder a meta, a grande meta do crescimento crítico.

### 2.3 CRÍTICA-CRÍTICA. OBJETIVIDADE POSSÍVEL

"Por minha parte, me interessa a ciência e a filosofia exclusivamente, porque quizeria saber algo do enigma do mundo em que vivemos e do outro enigma, o do conhecimento humano deste mundo" Karl Popper.

Nos capítulos anteriores, falamos dos níveis da crítica, quanto à sua gênese e natureza intrínseca, assim como de seu desenvolvimento histórico e suas funções em relação à cultura e à imaginação. Neste, trataremos de focar um outro aspecto, que tem a ver tanto com a natureza da crítica possível, quanto com sua operatividade real. Este aspecto é o da objetividade na crítica.

Não é demais dizer que a objetividade como tal é a meta a alcançar por toda tentativa crítica, seja esta de ordem intra-individual ou inter-individual, expressa no primeiro caso em mudanças de conduta e adequações ao meio, e no segundo, em construtos conceituais de natureza interpessoal. Em ambos casos o grau de objetividade, estará marcado pela comunicação. Este grau de objetividade se dando tanto no interior do indivíduo, como entre indivíduos, requer por natureza, um retorno ou "feedback".

Este retorno, no caso da crítica exercida pelo indivíduo em seu interior e expressa em condutas, se dá entre os indivíduos psicológico e epistemológico que nos compõem e o mundo. É uma conversação a três, isto é, os "feedbacks" fecham o circuito entre estes três elementos, e é ao mesmo tempo, uma crítica que, por ser interna, em parte é criticada propriamente pela

psicologia e pela epistemologia genética, nascidas estas do estudo biológico das etapas pré-críticas do homem. Neste caso a objetividade se confunde com a subjetividade. É nas realizações do indivíduo e na procura de adequação ao mundo, que podemos medir seu nível crítico ou nível objetivo, isto é, só mediante uma crítica ao atuar individual que poderemos alcançar um grau crítico, mais objetivo destas condutas.

Quanto ao segundo caso, ou seja, o da crítica expressa em constructos de qualquer ordem, esta requer o "feedback" para se completar, pois uma crítica para ser tal, precisa por um lado ser expressa, e pelo outro ser compreendida, lida, decodificada, e mais, para provar seu grau de objetividade, precisa do retorno crítico alheio, da confrontação, não com o objeto, o que seria impossível, e sim com outras expressões críticas sobre o mesmo objeto.

Podemos medir o grau de objetividade da crítica, por ter sido esta crítica dada, criticada ou não. Neste caso, temos que o ciclo se inicia, com a percepção que o sujeito faz do objeto, segue com o constructo conceitual crítico do objeto dado, e continua com a objetivação crítica. Esta objetivação sobre tal conceitualização, realizada por outro sujeito a partir de sua própria experiência com o objeto dado, produz uma confrontação com o constructo inicial a partir de um constructo próprio desta vez mais objetivo que o primeiro. Portanto é uma crítica crítica, isto é, produzida em dois aspectos de um mesmo objeto, um da crítica cri

ticada e outro o objeto criticado por este segundo sujeito.

Em consequência, falar de uma crítica objetiva é uma imprecisão, mais adequado seria falar de uma crítica e objetividade possíveis, e graus de objetividade.

O caminho para a certeza, visto assim, está dado pela elevação gradual da crítica e de sua objetividade, mediante a superposição crítica. Nesta superposição crítica, que se dá tanto no indivíduo, como no fenómeno histórico e social, está a construção orgânica e conceitual que nos aproxima da verdade.

A admissão desta natureza falível e aperfeiçoável tanto da racionalidade humana, quanto de seus produtos, e o consenso em torno desta hipótese, possivelmente será em nossa história o sintoma que marcará o regresso da espécie a etapas críticas, longe do sectarismo que nos marcou.

Realmente, a objetividade não é de modo algum, uma propriedade inicial, como afirmam os empiristas, e sua conquista envolve uma série de constructos sucessivos que dela se aproximam cada vez mais.

Este "conhecer os objetos adequadamente" de Piaget, não explica, nem esclarece, no entanto, o que é em si a objetividade. O que é adequado para um determinado sujeito, pode ser inadequado para outro, devido à singularidade que cada um é ou tem. Como se disse atrás, a objetividade vista unicamente pelo ângulo da adequação, não é outra coisa senão a subjetividade, que ao invés de aproximar-nos de uma conceituação sobre a objetividade possível,

nos afasta e impossibilita uma aproximação crítica da crítica.

Só poderemos chegar à objetividade possível, através da crítica à expressão crítica, dada nas palavras, construtos conceituais ou juízos e no não abstrato da relação entre sujeito e objeto, que implica necessariamente, repetimos, a confrontação. É aí neste terreno, que a objetividade possível pode se dar.

Esta confrontação explicita claramente a natureza social da crítica, realizada através dos mecanismos próprios da comunicação e na qual se tornam possíveis os graus da crítica e da objetividade.

Quando falamos da relação objetiva com o mundo, estamos nos referindo a um nível de certeza e não à certeza total; com propriedade poderíamos rotular de ingênuos os cientistas e filósofos que qualificaram de objetivas suas hipóteses e suas teses. Parece que este fato é coisa do passado, já que na atualidade a filosofia e as ciências físicas e naturais ou as ciências do comportamento humano, consideram no seu desenvolvimento próprio, a condição de inconclusividade do ser humano, expressa em todas as formas de aproximação da verdade.

Este aspecto da confrontação social do conhecimento que Kant esqueceu ao pretender fundar uma ciência acabada da razão, chamada por ele de uma metafísica transcendental baseada na conceituação "a priori", marca o enfrentamento paradigmático da crítica como é feita na realidade, e crítica como deveria ser feita, da qual Kant fala em sua "Crítica da Razão Pura".

Esta confrontação crítica do conhecimento é a rigor o caminho da objetividade possível, já que a objetividade total não passa de um preconceito, uma mera crença de grande valor sem dúvida, pois serviu de base ao desenvolvimento das ciências, e do desenvolvimento objetivo; poder-se-ia dizer que este foi o preconceito básico para o desenvolvimento de todas as ciências físicas e também das ciências do homem, já que elas depositaram metodologicamente na objetividade e na reconceitualização "a posteriori" a razão de sua própria existência.

Se bem que todas as construções da mente pretendam expressar a crítica última, única e objetiva e a grande maioria dos cientistas e filósofos pretendam estar conhecendo o mundo dado pela última e definitiva vez, é bom registrar aqui que há espíritos com atitudes críticas mais transcendentais, que reconhecem na natureza do ser humano, características como a da falibilidade, tão próprias à humanidade, como sua tendência à busca da verdade e sua procura da unidade no todo.

Charles Sanders Peirce, filósofo norte-americano fundador do pragmatismo, no final do século passado e começo deste, parte da convicção de falibilidade, para com este pressuposto construir sua filosofia. O mesmo podemos dizer do filósofo atual Karl Popper, que coloca nesta perspectiva da objetividade que tentamos trabalhar, o valor da importância do sentido comum e de seu nível crítico na construção do conhecimento científico, quando diz: "...O conhecimento científico é algo assim como o conhecimento do sen

tido comum, em grande", \*\*\* de onde podemos inferir, que uma crítica comum ou si se quiser, ingênua, é a geradora dos níveis mais objetivos da crítica expressos nos constructos científicos.

Ademais, esta hipótese da impossibilidade da objetividade total, não pode ser criticada objetivamente. No dizer de Popper, esta é uma hipótese imunizada por si própria.

O aspecto mais importante da objetividade possível, está representado no fato deste ser apenas um caminho e não uma meta, já que tanto o indivíduo muda, quanto o contexto sócio-cultural no qual está inserido. Novos desafios e reajustes serão necessários, pois se o fato crítico está dado imerso num contexto cultural, baseado numa tabela vigente de crenças, e mais ou menos válido em função destas "verdades", necessário é o contínuo reajuste. Estas verdades, pela dinâmica própria da cultura, vão mudando continuamente, por isso podemos afirmar que o fato crítico é em consequência um fato cultural.

Neste contexto cultural e num momento dado, uma crítica pode chegar ao máximo grau de objetividade, medido este pelo consenso, produto de vários fatores confluentes: sua comunicabilidade, sua clareza, sua coerência própria e principalmente sua coerência com as verdades admitidas, mais sua promoção. É o que para Kuhn corresponderia em sua análise do progresso das ciências, à configuração do paradigma das ciências.

Esta precária condição de objetividade na crítica, somada ao fato da inibição da crítica e da criatividade comuns, nos

levou ao que Popper denomina de "época pós-racionalista e pós-crítica" referindo-se como é de se supor, à época em que por sorte nos tocou viver.

Pois bem, como a crítica se dá no marco do fenômeno da comunicação, esta contempla na sua natureza o retorno, o "feedback" para o sujeito, que lhe permitirá medir o nível objetivo de sua crítica, para assim poder alcançar em processos críticos posteriores, níveis mais objetivos ou pelo menos mais próximos da objetividade idealizada. Isto ainda numa crítica auto-crítica, onde afluem como se disse, os sujeitos epistemológico, o psicológico e o próprio sujeito que atua, entre os quais se cumpre também o ciclo do "feedback" próprio da comunicação.

Outro aspecto a ter em conta é que toda crítica em última instância, está criticando o ser humano. Quer critiquemos um animal ou uma coisa do mundo dado, - como vimos num dos capítulos precedentes, desde o momento mesmo da percepção através do objeto e de sua elaboração, de sua crítica - estamos vendo criticamente o ser humano que antes o mediou, estamos nos criticando enquanto mediadores, e às vezes por nossa própria crítica, estamos dando possibilidades críticas aos que nos seguirão. "Toda interpretação é em última instância, interpretação de si mesmo. Interpretar é interpretar-se". (Citação verbal do professor Novaski).

Quando criticamos seja uma lei da física quântica, dos níveis energéticos da matéria, seja qualquer outro assunto, será sempre criticado o homem, por isso, repetimos, toda crítica parte

de uma leitura prévia do mundo dado enquanto mediado pelos outros homens, criticado antes, com outras instâncias e parâmetros, os quais, numa crítica mais objetiva e próxima da crítica ideal, também teriam que ser criticados.

A prática da crítica como é sabido, tem vários fins, desde os puramente biológicos, estudados por Piaget, e nos quais o exercício da inteligência assegura sua estruturação orgânica, até os do ajuste de condutas, objeto próprio da chamada psicologia condutivista. Também os objetivos da adequação do mundo e no mundo, expressos em todas as formas da re-criação, objetos da ética, da estética, da arte, da moral, da filosofia, das ciências, e das críticas especializadas.

Além disso está a crítica que exercemos em nosso cotidiano, que se pode chamar de ingênua por não pretender níveis maiores da transcendência. Ela só é um instrumento, algumas vezes mais ajustado outras menos, e por isto qualificada de crítica subjetiva, com a qual todos, até os cientistas e filósofos, tentam levar a cabo o desenvolvimento diário e consuetudinário da existência, levando em conta tão só sua operacionalidade fatural imediata. Não obstante, esta divisão entre crítica subjetiva e crítica objetiva, bem pode ser chamada de divisão ingênua da crítica.

Em todos os planejamentos críticos se dão os mesmos componentes de subjetividade e de objetividade, um ou outro tendendo a se impor num momento dado, o que não quer dizer que se imponha totalmente, pois a objetividade total, por eliminar o su

jeito, só poderia ser possível no objeto mesmo. Neste caso talvez pudéssemos chamá-la de "objetualidade", ou seja a qualidade própria do objeto ser objeto. Este ser, o objeto, se afasta de uma crítica possível, para passar a ser objeto de uma ontologia metafísica. De igual maneira uma subjetividade total, sem a interação com o mundo seria quicé a possibilidade autista.

22 Claro está que no caso de uma crítica do indivíduo sobre si e que busque seu ajuste consigo mesmo, o produto deste ajuste só pode ser criticado pelo sujeito. Aqui só este sujeito poderá qualificar seu atuar de objetivo, se cumpriu seu fim, ou de subjetivo se não o cumpriu, e a partir daí iniciar os processos auto-críticos onde o consenso é mais difícil e onde a confrontação entre o sujeito epistemológico e o sujeito psicológico às vezes transcende os limites da razão para entrar no campo da pré-crítica. Esta passagem pode levar-nos por seu afastamento do mundo dado, às profundidades do autismo e da loucura.

Freud, em seu trabalho sobre os sonhos explicita bem o trabalho da crítica que exerce a censura sobre nossos desejos reprimidos e como estes, no sonho, liberados na realidade louca do sonhado, permitem de novo o equilíbrio orgânico. Caso contrário, as tensões não liberadas, com origem nos desejos reprimidos, sairão à superfície de nossas condutas, sob as formas enfermigas da histeria, no diálogo inconcluso entre as instâncias que nos formam.

Heidegger, por sua vez, nos remete a outro nível da crítica, a que faz o homem enquanto ser e frente ao todo e na qual se confronta com o nada e com a angústia de sua existência. Este seria o nível crítico de sua existência mesma, nível crítico do ser aí.

Kant nos leva ao espaço ideal da crítica pura, mundo asséptico do "a priori".

Marx, por outra parte, estuda o fenômeno do capitalismo e se confronta com a alienação humana que outra coisa não é que o afastamento do ser humano de suas possibilidades críticas criativas, expresso claramente no mundo doentio em que vivemos.

Popper recalca o valor e a importância do sentido comum porquanto este, ao aumentar, se converte precisamente no chamado conhecimento científico que marca o sentido do aumento do conhecimento, produto dos sucessivos aumentos da crítica na busca e aproximação da verdade.

Este sentido comum não se encontra no limbo impoluto do "a priori", sua natureza por conseguinte não é neutra, já que cresce e se desenvolve num mundo dado pela cultura, pela ideologia, nas relações humanas e cheio de crenças e preconceitos, atuante efetivo frente à realidade.

Deste magma surge, mediante a ação crítica, o nível do chamado conhecimento científico, saturado por natureza de crenças e de preconceitos, consistindo estes a base sobre a qual e por sua negação a ciência avança. Do mesmo modo que o conhecimento do

senso comum, o conhecimento científico por sua natureza, não pode ser neutro, já que se desenvolve como qualquer outro fato cultural, produto das contradições sociais do momento histórico, por sua vez produto ideológico.

### III CULTURA E CRIATIVIDADE

Pretendemos mostrar algumas das relações mais significantes para o desenvolvimento do projeto humano tais como as relações entre indivíduo e a sociedade, no campo contraditório da criatividade.

Creemos que da análise desapassionada desta relação surgirão as novas soluções que respondam com êxito as grandes interrogações do devir social e individual, indicando novos rumos na solução - não definitiva - da contradição entre a sociedade e o indivíduo.

Esta contradição implícita mais ou menos em toda atividade humana, aparece claramente na educação, onde vemos por um lado a preponderância dos interesses sociais do grupo de poder, evidenciada por meio de suas políticas educativas oficiais e por outro lado as idéias de educadores que buscam o desenvolvimento das capacidades individuais, por meio de uma educação alternativa, que procura desenvolver o ser humano pelo exercício da liberdade, da criatividade, das vivências críticas, da análise de situações, realidades, e problemas vividos, além de outras tendências educativas.

Ambos extremos, um, omitindo as necessidades da sociedade e o outro as do indivíduo, dizem procurar o desenvolvimento integral do ser humano. Assim o explicita a constituição brasileira com respeito ao objetivo da educação e assim dizem os

educadores alternativos, sem dúvida, ambas idéias por ser extremas, tendem a ser viciosas.

É preciso uma atitude crítica, que assuma o papel que tem a educação na reprodução do caráter social, necessário para o avanço social como um todo e que também busque o desenvolvimento integral do ser humano; esta é a contradição central: desenvolvimento social que implique o desenvolvimento individual.

Hoje, a humanidade toda começa pressentir como nunca antes, sua condição de interdependência e vizinhança, ainda que imersa num individualismo atomizante e enfermico (George Simmel).

Crescer, desenvolver-se sem limites, obter o máximo de lucro, tomando os recursos da maneira que for necessário; não se deter, acelerar os processos produtivos, produzir mais, sempre mais, e mais importante, criar novas necessidades. Esse é o credo do sistema, que acabou por impor condições de vida desumanas, nas sociedades onde se instalou e que alegremente carrega o mundo de um modo cada vez mais acelerado para o colapso ecológico.

Seria exagerado citar a quantidade de sintomas de desajuste da sociedade tecnológica ocidental, com a natureza e consigo mesma. Note-se que a aceleração deste confronto há pouco mais de quatro décadas está aumentando e que com os computadores e a cibernética, será cada vez maior. Quer dizer, a aparição da tecnologia e posteriormente da cibernética e da informática na história da humanidade, marca o momento em que o ser humano deve replanejar seu caminho, sob pena de perecer.

Daí a importância de uma proposta, que suponha realmente no desenvolvimento integral do ser humano, sua condição de ser social e individual.

Creemos pois que na aproximação crítica e criativa da relação do indivíduo com a sociedade no aspecto da produção e da cultura se acha a possibilidade da humanidade encontrar o posto que um dia teve e perdeu no projeto abrangente da natureza.

Dizemos isto munidos tanto das razões dos estudos do ser social, quanto dos cientistas da ecologia e de filósofos tais como Espinosa, (1632), cujas idéias têm também plena vigência porquanto abre o espaço - não panteísta - de uma identificação da matéria com o espírito; aproximação similar fazem os físicos e os filósofos atuais sobre os níveis de energia da matéria e a concepção de Deus.

Além do mais, Benedito Espinosa se interessou especialmente pelos aspectos éticos, questionando a transcendência na vida do ser humano, da riqueza, do poder, do prazer, da fama e da glória. Dentro de sua concepção geométrica do universo, tentou mostrar que o único bem perfeito, capaz de dar alegria e felicidade total, é a existência harmônica com a natureza, que em últimas instâncias, determina o destino do homem como vemos hoje.

Este filósofo, duplamente atual, foi exemplo de tolerância, justiça e vida racional.

Temos que levar em conta que nesta exposição, veremos o fenômeno cultural sob duas formas: a forma social da cultura, mas

trada através das instituições, das normas, das leis, dos mecanismo de censura social, da rotulação, e também de certos graus de permissividade social a forma individual da criatividade.

Esta permissividade abre a possibilidade da inserção no projeto social, de condutas e projetos individuais que até o momento haviam sido considerados perigosos e marginais, mas que, pela dinâmica própria da sociedade, de um modo ou de outro, foram perdendo essa carga pejorativa, para chegar inclusive a se converter em condutas ou projetos dignos de ser estimulados na mesma sociedade.

Esta brecha, que a sociedade abre permanentemente, é a maneira pela qual ela permite o avanço para novos parâmetros éticos, estéticos, religiosos, morais, e também de produção econômica, e é de fato um contínuo desafio ao espírito criativo dos indivíduos que formam o grupo ou a sociedade.

Este lugar de permissividade, é uma região tabu para os educadores, que só recentemente se aproximaram dela e de uma maneira paternalista e a-critica. É o caso dos grupos marginais como são as prostitutas, os meninos de rua, os drogaditos, os presos, os moradores das favelas e das ruas da cidade; grande parte desses educadores, vão a estes grupos sociais provida de sua própria ideologia de grupo ou classe social a que pertence, com o ânimo médico de sanar estas partes "enfermas" da sociedade, sem suspeitar sequer que a existência destes grupos está mostrando outra dinâmica e outra ideologia e possivelmente

são a expressão do choque e frustração de projetos de grupos e individuais que podem ser também sinais da procura de novos rumos pela sociedade como um todo.

A outra forma em que veremos o fenômeno cultural é a da criatividade individual na qual se expressam as frustrações pessoais, as ilusões, os desejos; expressão esta manifestada nas condutas inconformistas e transgressoras e por tanto participes de um certo grau de violência permitida pela sociedade, admitida e até inserida lentamente nela.

Condutas de um nível inadmissível de transgressão e de violência, são classificadas de perigosas e enfermigas e seus autores conduzidos aos hospícios, sanatórios e presídios.

A história está cheia de exemplos de indivíduos como Cristo, Gandhi, Che Guevara, Huss, Calvino, Moro, Galileo, Giordano Bruno, e muitos outros cujos princípios e condutas foram reprovados em seu momento, mas aceitos posteriormente como formas elevadas de pensamento.

A periculosidade destes personagens, só pôde ser qualificada pelo devir social, enquanto outros "criminosos" foram esquecidos pela intranscendentalidade de suas idéias, ou porque sua transgressão foi julgada, castigada e borrada da memória coletiva.

Neste último nível de condutas rotuladas socialmente de modo pejorativo, se encontram os indivíduos que são perigosos para a sobrevivência da sociedade ou grupo social; quer dizer,

toda a gama de transgressores que vai desde os delinqüentes comuns, -cujo pecado foi o de impor à sociedade seu projeto individual em função de sua felicidade própria-, até os "delinqüentes" políticos, cuja periculosidade é a de querer trocar o projeto social vigente, estável, comprovado, seguro, e admitido pelo povo em geral, por um projeto novo.

Os graus de periculosidade só são medidos pela maior ou menor permissividade social. Possivelmente em nossa sociedade, o indivíduo que tenha por ofício envenenar, será imediatamente confinado, enquanto que o envenenador nas sociedades indígenas do alto Rio Negro, será tido apenas como o possuidor do poder de envenenar, e por isso mesmo, respeitado e temido.

Em ambos casos, podemos admitir, encontra-se a criatividade em seu grau mais alto.

A história da humanidade foi determinada pelas idéias e condutas subversivas; os câmbios revolucionários não foram outra coisa que aberturas forçadas da permissividade social, em um dado momento, conseguidas pelo agir criativo e visionário de alguns indivíduos nos quais se resumia uma necessidade histórica.

Dai a importância que damos ao tema da relação entre a sociedade e o indivíduo no que a criatividade se refere e especialmente ao agir criativo, visto como a conduta do indivíduo, produto e reação frente às limitações que a sociedade exerce sobre ele e sobre sua liberdade de ação.

Dentro desta dialética social, a soma dos pensamentos, idéias, formas de agir, de pensar e de sentir frente a um mundo dado, conformar o que comumente chamamos de cultura, e pelo que vimos até aqui, é o espaço próprio da contradição vital entre indivíduo e sociedade.

Vale a pena enfatizar vários pontos que cremos serem importantes, e mesmo que estejam presentes no conflito entre indivíduo e grupo social, às vezes passam despercebidos e não são valorizados corretamente, por serem evidentes:

- Se bem que do ponto de vista da sociedade a cultura é expressão de normas a nível de todas e de cada uma das possibilidades humanas, essa mesma limitação é por sua vez um incentivo ou convite para a transgressão permitida - dada a natureza contraditória do ser humano -.

- A expectativa social frente à criatividade do indivíduo e frente a suas respostas, está explícita no maior ou menor grau de permissividade.

-A sociedade, com o mecanismo de norma-permissividade social, consegue provocar mudanças no rumo do projeto social, em função da emergência de projetos de grupo, ou de projetos individuais de sucesso. Indivíduo e sociedade são dois lados do fenômeno humano, que se negam e completam entre si.

-A história da humanidade parece ser o caminhar do indivíduo para uma democracia real, em busca de um lugar próprio na sociedade.

Há um determinismo digno de nota nas respostas do indivíduo, aspecto que foi estudado e documentado por cientistas sociais (Geertz, R. Benedit, Simmel, Riesman, G. Velho, Mauss e outros) cujos parâmetros, os de uma sociologia científica, não admitem categorias próprias da criatividade individual como seria a imaginação, a fantasia, o desejo e as manifestações da interação não gregária e livre entre as pessoas.

A criatividade individual, ainda que produto indireto de um certo grau de liberdade permitido pela sociedade, dá-se nos limites de uma determinada cultura, - além de estar em função de um momento histórico-, e vemos que esta criatividade não pode estar determinada em sua totalidade, pois se assim fosse, todas as expressões criativas dos indivíduos seriam inseridas "per se" no projeto social, deste modo o conflito entre o indivíduo e a sociedade não existiria, como vemos que existe na realidade.

Existindo o conflito social, o que é evidente, devemos concluir que existe uma determinada liberdade individual e que esta se expressa no ato criativo que nega a cultura vigente e por sua vez a conforma.

Esta liberdade, claro está, não é aquela abstrata e total, idealizada pelos poetas, políticos e filósofos, mas é uma liberdade limitada que a cultura permite, além das liberdades próprias de cada indivíduo em seu afã expressivo; liberdade restringida pelos meios inerentes ao tecido cultural em que se encontra o indivíduo e onde aspira colocar seu projeto individual.

É no contraste intergrupai ou intercultural e na comparação que fazemos dela nos diferentes momentos históricos da humanidade que a liberdade e suas gradações são observadas.

Temos exemplos de sobra, sobre os diferentes graus de liberdade, se compararmos a liberdade individual na idade média com a do renascimento, ou se compararmos a liberdade que têm as crianças yanomami com a que têm nossas crianças cidadinas da classe operária ou a que têm as mulheres camponesas solteiras do estado de Paraná com a liberdade das estudantes da Universidade Estadual de Campinas.

Essa expectativa do ser humano pela liberdade simbolizada na ave que sem amarra alguma com a terra, sobe, planeia, vulteia e fende o espaço sem limite, está presente até nas sociedades em que esta foi pretensamente abolida; até nas situações mais rigorosas da escravidão o anelo pela liberdade permanece como o fogo escondido entre as cinzas, esperando o momento de evidenciar-se; mais uma utopia sem a qual o ser humano não poderia existir como tal.

De todos os modos, a liberdade possível permite que o indivíduo manifeste seus desejos, seus sonhos, suas ilusões, seus planos pessoais que em suma, é a forma de suas frustrações; de um jeito ou de outro, ela, a liberdade, tem seu lugar na teia social, da qual é parte vital, já que representa tanto a permanência e o desenvolvimento do indivíduo, como também a permanência e o desenvolvimento do social.

Na resposta criativa do indivíduo marcada pela cultura e determinada em parte pela sociedade através dos diferentes mecanismos que depois trataremos, está presente a contradição existente entre o projeto social e o projeto individual.

Se por um lado, a sociedade pretende certamente o manejo do monopólio da conformidade através da bondade e alcance de seu projeto, por outro lado, temos o indivíduo com suas pretensões pessoais e suas próprias cargas de insatisfação, antepondo-se à sociedade.

Graças a esta insatisfação e natureza humana inacabada, a humanidade realiza sua evolução histórica.

Dai, a dinâmica social que aparece dialeticamente na criatividade do indivíduo, surge da contradição entre o projeto social e o projeto individual, expressos com êxito de algum modo, frente a outros projetos individuais ou de grupos com os quais possivelmente se encontre em conflito, no dizer do sociólogo Gilberto Velho.

Isto, especialmente nas sociedades complexas, como a sociedade industrial moderna - que nestas alturas pretende impor-se a nós - e na qual muitos grupos lutam para fazer valer seu projeto social específico.

As forças que os grupos põem em ação na sociedade, tanto nas sociedades complexas quanto nas primitivas, foram denominadas pelos sociólogos, de subconsciente social, já que se dá por certo que a capacidade de raciocínio não é característica natural da

sociedade como tal e sim de suas partes, os indivíduos.

Assim, o projeto social, transformação do sub-consciente social em fato, é apenas a intuição de metas, de mitos expressos mediante os ritos e as formas de ser, pensar e sentir admitidos pela sociedade e reproduzidos através do caráter social -pressentido e aperfeiçoado pelo lento reciclar social através da interação com o mundo -, modo por meio do qual a sociedade cria e assegura os mecanismos para sua auto-preservação e sua sobrevivência através do tempo.

Estes mecanismos não são unicamente os que conduzem à conservação das instituições, mas também os com que basicamente a sociedade consegue o caráter social que necessita, além dos mecanismos para reproduzi-lo, conforme Riesman. É o mesmo que dizer que a sociedade reproduz nos indivíduos o caráter correspondente ao caráter social necessário, para prosseguir seu caminho.

As sociedades umas mais outras menos, apesar do exposto antes, preservam espaços nos quais a iniciativa individual se manifesta: os carnavais, a arte popular ou ingênua, a poesia de cordel, as trovas e muitas outras manifestações da arte em geral, pintura, escultura, desenho, música, dança, teatro, que acontecem fora dos cânones estéticos admitidos, ou da moda de acordo com a arte oficial.

Deste modo a sociedade assegura a presença do indivíduo e garante que ele possa interferir no processo de desenvolvimento do grupo e de sua cultura, processo seguro, repetimos, por ser

lento, pois a sociedade instintivamente só admite em seu tecido cultural as atividades ou condutas que se integrem realmente e que não representem perigo significativo para sua estabilidade e, além do mais, que demonstrem por si mesmas a inserção lenta no projeto social.

Isto não é gratuito, já que a sociedade constrói sua cultura, priorizando alguns fatos, experiências, e modos de relacionamento social e da percepção do mundo real. A diferença entre culturas - mesmo quando são geograficamente vizinhas - é uma condição própria da cultura em si.

Assim, vemos que condutas tidas como perigosas e desviantes em uma cultura, em outra são tidas como próprias e boas, graças à diferença cultural; dá no mesmo dizer que como cada cultura está construída com base em prioridades diferentes, as condutas que são motivo de reprovção, de penalização e de rotulação num grupo social, para outro, podem ser aceitas, inserir-se em seu projeto e até ser institucionalizadas por harmonizar com sua estrutura cultural.

Cada cultura com sua diferenciação específica, pretende ser expressão da harmonia do homem com o mundo e com o universo, a partir de um padrão coerente de ações e pensamentos, conforme Ruth Benedict.

Outro aspecto digno de se levar em conta, é o de que em sociedades tecnológicas ou complexas, na luta pela imposição do projeto social entre grupos e pelo manejo da conformidade e do

poder, triunfa o projeto que a sociedade precisa em dado momento histórico do desenvolvimento social, ou aquele que de fato saiba canalizar a inconformidade. Exemplo claro disto, é o fato recente da "intervenção popular" no processo de "impeachment" do presidente Collor, por estar caracterizado nele muito do que dissemos aqui da relação entre indivíduo e sociedade.

Três fatores aparecem basicamente na intervenção popular neste caso que queremos tratar:

1 O crescente desconforto de certos grupos com o poder central e com os grupos detentores deste poder, de pleno acordo com o que vinha acontecendo desde a morte do presidente eleito, Tancredo Neves.

2 A atitude oportunista e de expectativa dos grupos instalados no poder -cujo projeto foi historicamente hegemônico- frente à necessidade de manejar a conformidade social em queda, devido ao "trabalho" dos presidentes Sarney e Collor.

3 A tomada de decisões por estes grupos, para retomar o monopólio da conformidade social mediante a venda do "impeachment" pelos meios de comunicação de massas, do mesmo jeito que se havia vendido anteriormente, a imagem de Collor.

Estes grupos de poder tiveram não só papel prioritário na imposição do "impeachment", como conduziram as massas em função prioritária da defesa de seus interesses particulares; construíram e venderam mais uma vez, uma realidade, que Gilberto Velho chama de fenômeno de negociação da realidade.

Não tentamos dar qualificação ético-moral a estes fatos, simplesmente analisá-los do ângulo das contradições na disputa entre grupos para impor seu projeto.

Através dos meios de comunicação de massas, se exacerbou a expressão da inconformidade da maioria dos grupos sociais, em função da troca de projeto e da imposição de outro diferente - melhor ainda, a reinserção do projeto anterior - comunicaram, venderam, negociaram uma realidade que nada mudou no que se refere aos grupos afastados do poder. Projeto que em aparência pouco difere do anterior, - quem sabe por que vem dos mesmos grupos detentores do poder - ; se nesta oportunidade foi oferecido mais espaço à atuação dos grupos afastados do atuar político, - grupos de jovens colegiais secundaristas e até do primário, grupos da classe média e de trabalhadores - na tomada dos "direitos democráticos", também é certo que não se vê como os grupos detentores do poder institucionalizarem este espaço supostamente conquistado pelo povo.

Outro exemplo que ilustra o manejo do inconformismo social na luta pela imposição de um projeto, encontramos no caso de Antonio Conselheiro, - que messianicamente e frente à insatisfação de grupos, pobres desprotegidos, do sertão nordestino, ante a indiferença do governo central e do tratamento injusto dado pelos coronéis senhores da terra, - ele decide liderar a oposição com um complexo de atitudes e idéias religiosas e de desobediência civil, que o governo e os grupos de poder tacham de desvian

tes, subversivas, perigosas, e dignas de ser atacadas e apagadas severamente da face da terra, como de fato o foram, num episódio que passou à história com o nome do lugarejo onde se deu a desigual batalha, Canudos.

Outra situação comum é a do "fazer político" já instalado na consciência popular, em que grupos de poder se perpetuam ou tentam perpetuar-se, tornando evidente sua capacidade de manipulação social, de seu manejo cada vez mais sofisticado dos meios de comunicação de massas, de propaganda, e da plasticidade oportunista de seu projeto, até do monopólio da força física, econômica, e cultural; é o caso de grupos religiosos, militares, mercantis, bancários, de interesses classistas, e raciais.

Assim, de fato, a dinâmica cultural é uma luta dos indivíduos e dos grupos que formam a sociedade, para tentar impor seus ideais, suas metas, e seus modos de ver, sentir e pensar o mundo; parece que na sociedade humana, a seleção natural descrita por Darwin pode ser uma norma última, em que os mais fortes e aptos acabam impondo seus projetos.

Esta tese, na verdade, e apesar do já exposto, só é válida para o relacionamento entre os animais inferiores, e destes com o homem, pois nas sociedades humanas, a dialética rompe a linearidade dos processos animais; a imposição de qualquer projeto por melhor que seja, começa a gerar insatisfação, começa a ser criticada, e no seu apogeu, dá início à sua própria decadência, para com o tempo sumir, ou transformar-se e dar lugar a outros proje

tos, outras possibilidades historicamente mais apropriadas para o novo momento e também para o tecido cultural em mutação.

Frente a esta forma desumana de luta social e cultural, parece estar faltando uma ética social e política, cânon de regras - uma utopia a mais - que permitiria a todos indivíduos e grupos da sociedade, exporem em igualdade de condições e de oportunidades, seu projeto particular, isto é, apresentar suas aspirações com o objeto de poder levá-las a cabo.

Utopia que eliminaria de vez todas as contradições e diferenças entre os homens, numa sociedade feliz, existente só nas criações fantásticas como as do escritor Aldous Huxley em sua obra "Admirável Mundo Novo", onde graças à manipulação genética, se logra a determinação absoluta das pessoas e dos papéis sociais. Paraíso da conformidade total lograda pela compulsão interna, onde cada um realiza seu projeto pré-fixado desde antes de seu nascimento, na alegria do cumprimento estrito da norma, longe das interferências pessoais, alheio a qualquer carga de inconformismo, de crítica e de conflito.

Por outro lado, esta compulsão interna é a meta procurada instintivamente por toda sociedade, fato que em algumas sociedades, é alcançado em maior grau - observemos a ênsia de consumo nos centros comerciais de qualquer cidade moderna - e que se pode perceber na maioria das manifestações culturais que uniformizam e padronizam a vida e que tendem a determinar a produção das idéias e até os modos de sentir emocional, que estão explícitas na moda

e em muitos costumes e tradições.

A sociedade através da família e da escola, pretende e logra esta adequação das crianças, no processo de reprodução do carácter social necessário e a formação de padrões de hábito do indivíduo, estudado e descrito pela socióloga Ruth Benedict.

Boa parte pois, da compulsão buscada pela sociedade, vemos expressa no carácter social que outro sociólogo, Riessman, nos descreve como a soma permanente de impulsos e satisfações do indivíduo, condicionada pela história e pela sociedade.

Apesar desta inegável determinação social, temos uma outra determinação tão ou mais marcante que a anterior, a de que o homem é inclinado à inconformidade por natureza. Isto é, o homem é um ser em conflito, por definição, em conflito consigo mesmo, com a sociedade e com a certeza de sua transcendentalidade; não obstante este confronto, e talvez por ele mesmo, o homem seria um ser órfão sem a sociedade, e possivelmente sem horizonte histórico algum.

Estes laços estreitos entre indivíduo e sociedade, conformando-se e determinando-se um ao outro, permitem a estruturação de dois pontos de vista. O ponto de vista do indivíduo e o ponto de vista da sociedade que são só dois modos diferentes de abordar as categorias que tipificam esta relação e que repetimos, se explicitam na expressão das necessidades individuais.

Estas necessidades vão desde o sentimento de liberdade individual, o livre arbítrio, e a expressão criativa admitida

pela sociedade, até às condutas rotuladas como desviantes ou marginais, da loucura, que em grande parte, são manifestações dos anelos e urgências do ser social e por fim, da sociedade, e que assinalam o caminho pelo qual a sociedade terá que se movimentar.

Muitas das cargas pejorativas com que a sociedade aponta a criatividade não formal, - entendida como criatividade formal aquela que se dá dentro dos cânones admitidos, seja pela moda, seja pelas manifestações de autoridades científicas, académicas, ou da arte, - foram as do desvio, libertinagem, heresia, loucura, subversão, exotismo, por serem expressões de grupos minoritários na maioria dos casos, alheios às aspirações dos grupos detentores do poder, pelo qual são tidas especificamente como perigosas.

É aqui precisamente, onde reside boa parte da possibilidade do desenvolvimento cultural, já que, repetimos, estas manifestações assinalam as novas possibilidades da interacção social e com o mundo.

O carácter móvel e maleável da criatividade e do ser humano, por sua essência criativa, assegura a compatibilidade com a realidade também cambiante, já que o ajustamento crítico próprio da criatividade é em essência dinâmico.

Entendido isto, vemos como a criatividade tem papel preponderante tanto no processo de consolidação das experiências dos indivíduos e do grupo social, quanto na adequação de novas possibilidades escolhidas no amplo leque de formas, modos e prioridades de relação com a realidade e com os quais se irá construindo

a cultura.

É pois a verdadeira função da criatividade a de acesso social a níveis de maior segurança, economia, e harmonia na relação com o mundo e com outros grupos sociais.

Resumindo: a relação entre o projeto social e o projeto individual é o ponto básico sobre o qual a criatividade se expressa na produção da cultura. É precisamente aqui onde a educação deve ter sua incidência prioritária, levando em conta necessariamente, as necessidades do indivíduo e da sociedade com igualdade.

## CONCLUSÃO

Lembro-me de um contista indígena do alto rio Negro, cujos relatos inconclusos tinham por isso mesmo, todas as possibilidades de terminação; ali em seu discurso, tudo era possível, tudo podia acontecer. Suas últimas palavras eram como se o sol explodisse em nossos olhos, como se o eco de uma espingarda, - ilógico em seu estrondo - retumbasse em nossos ouvidos.

Para nossa lógica linear, essa falta de um final evidente, nos translada ao limbo mágico da nada, onde o abismo se abre e se apresenta.

Sem dúvida, muitas vezes a linha reta de nosso raciocinar não admite uma lógica diferente, que contorne, que prolongue a busca no jogo delicioso do sugerido, do inconcluso e rico em possibilidades.

Diz-se que o discurso científico e o discurso filosófico devem ser conclusivos por natureza; que do ponto A, até o ponto B, se deve considerar o início, o meio e o fim, obrigatoriamente. Não importando se este está ou não, longe do homem e seus anseios. Sem perceber que uma linha entre A e B pode passar por H, G, ou qualquer outro ponto, sem nunca chegar a nenhum.

Buscando a coerência do discurso todo sobre a crítica e a criatividade - por si mesmo de natureza aberta, inconcluso e anti-limitante - bom seria intitular este final como inconclusão, mas que por sua formalidade final - e para bem da

sensibilidade acadêmica - chamamos conclusão, ao fim e ao cabo, que é de uso comum que o último que se diz se chame de conclusão.

Mas, temos de insistir, nem sempre o que esta no final é conclusivo, - como é o nosso caso - mais ainda, tratando-se dessa abertura ao mundo que é o homem e sobre o qual não se pode emitir discursos últimos, concluintes, o que seria ingênuo.

O parágrafo anterior não pretende necessariamente converter a vocação humana pelo inconcluso num escudo, por não dar conta com eficiência da tarefa que nos propoemos, mas pelo contrário, com a seriedade que o jogo requer e com consciência histórica tanto da incerteza como do valor de nossa praxis - devemos caminhar pelo caminho intuído, aquele por onde sempre andou a humanidade -.

Desta maneira, conscientes de que a rota que estamos fazendo é apenas parte de uma outra, aberta, só podemos esboçar perguntas, para com sua formulação situar-nos no lugar mágico da relação. Longe de A e igualmente longe de B, a meio caminho ou longe dos dois e mais perto de nós mesmos.

Além do que, perguntar é mais cômodo que afirmar. Ainda que afirmar seja de fato, mais grato ao nosso ego.

Perguntemos pois:

- Procura o homem inexoravelmente a felicidade ?
- Busca o homem a desgraça tanto quanto a felicidade?
- Subjaz no desejo humano o sofrimento, o mal, o caos, a dor?

- Se a natureza humana é esta, valerá a pena lutar pelo espécie humana?
- O caos que surge na natureza com a presença humana dará origem a uma nova ordem e a uma nova harmonia, ou será a última oportunidade da espécie?

Minha posição, modesta mas convicta, é a de que, mesmo não encontrando respostas adequadas e muito menos definitivas a essas perguntas, este texto serviu-me sobremaneira para torná-las mais claras.

## BIBLIOGRAFIA

- BENEDICT, Ruth, Padrões de Cultura, Lisboa; Editora Livros do Brasil, 1986.
- BOFF, Leonardo, A Graça Libertadora no Mundo, Petrópolis; Editora Vozes, 1986.
- CASTELLS, Manuel, A Questão Urbana, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1983.
- CHAUCHARD, Paul, El Cerebro y la Mano Criadora, Madrid, Editorial Narcea, 1963.
- CORETH, Emerich, Questões Fundamentais de Hermenêutica, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- DAVIS, G. A., SCOTT, A., Estrategias para la Creatividad, Buenos Aires; Editorial Paidós, 1985.
- DORFLES, Gillo, Ultimas Tendencias del Arte de Hoy, Barcelona, Editorial Labor, 1969.
- FINGERMAN, Gregório, El Juego y sus Proyecciones Sociales. Buenos Aires; Editorial El Ateneo, 1980.
- FREITAG, Bárbara, Teoria Critica Ontem e Hoje, São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.
- HEIDEGGER, M., Que es Metafisica?, Buenos Aires; Editora Fondo de Cultura.

El Ser y El Tiempo, Buenos Aires; Editora Fondo  
de Cultura.

HUIZINGA, Johan, Homo Ludens, São Paulo; Editora Perspectiva e  
USP, 1971.

HUXLEY, Aldus, Admirável Mundo Novo, São Paulo, Editora  
Globo, 1989.

KANT, Emmanuel, Crítica de la Razón Pura, Buenos Aires, Editorial  
Losada 1976.

LAKATOS, I., Crítica y Conocimiento, Madrid; Ed. Grijalbo  
S.A., 1973

LEVI-STRAUSS, Claude, O Pensamento Selvagem, São Paulo; Companhia  
Editora Nacional, 1986.

LURIA, Alexandre, Desenvolvimento Cognitivo, São Paulo; Editora  
Ícone, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice, Fenomenologia da Percepção, Rio de  
Janeiro, Freitas Bastos, 1971

OERTER, R., Psicología del Pensamiento, Barcelona; Editorial  
Herder, 1985.

OSTROWER, Foyga Criatividade e Processos de Criação, São Paulo,  
Editora Vozes, 1989.

PIAGET, Jean. A Situação das Ciências do Homem no Sistema das  
Ciências, .....; Livraria Bertrand,  
1970.

La Formación del símbolo en el niño, México; F.  
CE., 1966.

- Les Relations entre l'Affectivité et l'Intelligence dans le Développement Mental de l'Enfant, Paris, Centre de Documentation Universitaire, La Sorbone, 1954.
- Seis Estudos de Psicologia, Rio de Janeiro; Editora Forense Universitária, 1973.
- PIERCE, Charles Sanders, Coleção os Pensadores, São Paulo; Abril Cultural, 1980.
- PIRENNE, Henri, As Cidades da Idade Média, Lisboa, Publicações Europa-America, 1964.
- POPPER, Karl, R. El Conocimiento Objetivo, São Paulo; Cia. Editora Nacional, 1975.
- La Lógica de la Investigación Científica, Madrid; Editorial Tecnos, 1973.
- RICOEUR, Paul, O Conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica, Rio de Janeiro; Editora Imago, 1969.
- RIESMANN A Multidão Solitária, São Paulo, Editora Perspective, 1971.
- SCHUTZ, Alfred, Indivíduo e Sociedade. Fenomenologia e Relações Sociais, Rio de Janeiro; Zahar Editores, 1989.
- SIMMEL, George, The Metropolis and Mental Life, Illinois; Free Press, 1950.
- TEIXEIRA, Anísio Educação no Brasil, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

Pequena Introdução à Filosofia da Educação, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 19756.

TRIAS, E., Filosofia del Futuro, Barcelona; Editorial Ariel S.A., 1983.

URBAN e GLENNY, O Preço do Futuro, Rio de Janeiro, Editora Melhoramentos, 1984.

VELHO, Gilberto, Individualismo e Cultura, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

VIGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente, .....; Harvard University, 1985.